

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Comunicação Social Jornalismo

LUIZ HENRIQUE MACEDO SILVEIRA

**RELIGIÃO, CULTURA E TERRORISMO: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS DA BBC
BRASIL SOBRE O ESTADO ISLÂMICO**

CURITIBA

2017

LUZ HENRIQUE MACEDO SILVEIRA

**RELIGIÃO, CULTURA E TERRORISMO: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS DA BBC
BRASIL SOBRE O ESTADO ISLÂMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo ao Centro Universitário Internacional UNINTER.

Orientadora: Prof^a. Dra. Eloisa Beling Loose.

CURITIBA

2017

RESUMO

Esta monografia busca analisar, com o uso do marco teórico de enquadramento e estudos relacionados ao poder da mídia jornalística, uma possível associação nos textos do portal da BBC Brasil, de aspectos da cultura e religião muçulmana a aspectos de ações terroristas praticadas pelo grupo extremista Estado Islâmico. Foram consideradas para este trabalho 13 grandes reportagens colhidas durante o último trimestre do ano de 2016. Após contextualizar historicamente aspectos políticos e religiosos do conflito sírio e do ambiente em que os textos foram escritos, submeteu-se os textos a análise tanto quantitativa e qualitativa. Objetivo é encontrar essas associações e demonstrar como um veículo de informação de grande porte como o portal BBC Brasil pode acabar associando aspectos da cultura e religião de um povo a conceitos como o terrorismo e como esse tipo de associação em momentos delicados pode ser perigoso. Os resultados encontrados, apontam sim aspectos de associação dos dois conceitos nos textos na BBC.

Palavras-Chave: Religião; Terrorismo; Cultura; jornalismo-internacional; enquadramento; Estado Islâmico.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Comp. do Tio Sam com um Jihadista.....	34
Figura 2. Gráfico: Soma Total por categoria.....	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 ESTADO ISLAMICO	11
2.1 A RELIGIÃO DO EI	18
2.2.O PARADOXO DO ORIENTALISMO	23
3 A COBERTURA JORNALISTICA SOBRE OEI.....	30
3.1. JORNALISMO DE GUERRA.....	36
4 METODOLOGIA	45
5 ANÁLISE DO CORPUS	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE-TABELA DE ANÁLISE DE MATÉRIAS-BBC BRASIL.....	70

1 INTRODUÇÃO

Apresentado como criador de uma nova concepção de terrorismo, o Estado Islâmico (EI) demonstrou também uma forma inovadora de conduzir seu conflito. Tornando-se figura frequente nos cenários noticiosos de vários veículos de informação pelo mundo, este grupo transmite certa necessidade de estar presente na mídia. Desde a sua repentina aparição em 2014 para o mundo, quando seu líder, Abu al Baghdadi se auto proclamou Califa¹ do que ele chamou de “Nação Muçulmana”, e anunciou através de uma transmissão via satélite a vários sites de vídeo e redes sociais na internet a mais de 50 países com comunidades islâmicas a criação de um Califado.²

Nosso trabalho se volta para verificar como a mídia jornalística ocidental, (representada nesta análise pelo portal BBC Brasil), está construindo uma associação entre o conflito da Síria e Iraque com o Estado Islâmico, reduzindo tudo a um simples desentendimento cultural e religioso. Temos a hipótese de que a imprensa ocidental (portal BBC Brasil) apresenta uma espécie de ligação entre os atos terroristas e aspectos comuns culturais e religiosos a todos os povos muçulmanos. Um aspecto importante apresentado por muitos especialistas, como Chomsky (2013) ou Napoleoni (2013), é que este conflito é resultado de insatisfação e fragilidade dos governos da Síria e do Iraque causados por resquícios de um pós-guerra do Golfo (1991). São estas possíveis associações conceituais em textos jornalísticos (notícias) que vamos investigar nesta pesquisa.

Muitas pesquisas na área de comunicação já analisam o vício dos veículos jornalísticos em associar os conflitos no Oriente Médio a algum aspecto cultural e religioso oriundos daquela região. Silva (2013) analisa indícios de práticas orientalistas como possível ferramenta imperialista no pós-11 de setembro, verificando, a partir dos estudos de Eduard Said (1970), materiais jornalísticos e literários produzidos após o ataque as torres gêmeas em Nova York. O autor apresenta em sua análise um possível aumento de textos jornalísticos e livros com

¹*Califa*: Título do chefe muçulmano civil e líder religioso que se empenha na preservação da integridade do Estado e da crença. Os califas são considerados sucessores de Maomé. O termo deriva da palavra árabe *Khalifa*, que significa “sucessor”. (NAPOLEONI 2013. p.135).

²*Califado*: É o nome dado a um Estado islâmico governado por um líder político-religioso supremo, que passa ser conhecido como califa ou sucessor de Maomé. (NAPOLEONI. 2013. p.145).

uma temática um tanto depreciativa em relação ao islamismo e as culturas muçulmanas.

Em outra pesquisa, Alves (2016) pesquisa aspectos de construção de imagem do islamismo em situações de pós-atentados. O pesquisador traz por intermédio de sua análise, possíveis situações de associação das práticas religiosas islâmicas aos atentados terroristas. Esta prática de se tentar modificar ou criar aspectos de conotação negativa à cultura islâmica, por intermédio da produção intelectual, é um mecanismo que se utilizado há muito tempo.

Edward Said (2003), autor usado por estudar na década de 1970, esta subversão feita por parte da classe intelectual ocidental (principalmente a inglesa e a francesa) desde o período imperialista, em relação à situação no Oriente, deu a esse movimento de manipulação ideológica por parte das colônias imperiais o nome de *Orientalismo*. A respeito deste movimento ele afirma o seguinte:

[...] sociedades contemporâneas de árabes e muçulmanos sofreram um ataque tão maciço, tão calculadamente agressivo em razão de seu atraso, de sua falta de democracia e de sua supressão dos direitos das mulheres que simplesmente esquecemos que noções como modernidade, iluminismo e democracia não são, de modo algum, conceitos simples e consensuais que se encontram ou não, como ovos de Páscoa, na sala de casa. (SAID, 2003, p.73).

Como apresentado na citação feita por Said (2003), as sociedades contemporâneas dos árabes e muçulmanos sofreram no final do século XVIII e início do século XIX uma massiva onda de conteúdos discriminatórios por parte da classe intelectual da Europa, sobre a qual o autor argumenta que se criaram na geração daquela época e nas gerações que as sucederam uma espécie de visão totalmente errada e inferior a população oriental. Said (2003) argumenta que esse processo de ocidentalização do Oriente não teria se findado no período imperialista e sim apenas migrado para as novas tecnologias do pós-Grande Guerra (cinema, televisão, jornais, etc.), continuando forte até os dias atuais. Para Said (2003) esta sobreposição de anos de imposição de conceitos pessimistas em relação ao Oriente teria se tornado parte da memória comum dos ocidentais, que, levados por esta memória de cultura, estariam mais suscetíveis a associações equivocadas, ligando tudo de extremo e bárbaro aos povos orientais.

A ascensão de um grupo armado do Oriente Médio, fomentando uma lista de ameaças mundiais, nunca foi tão rápida como a do grupo extremista

autodenominado Estado Islâmico. Este movimento historicamente nasce como parte de uma organização conhecida com Al-Tawidwal-Jihad que, sob o comando de Abu Musab al-Zarqawi, mudou seu nome para Estado Islâmico pouco tempo depois do seu surgimento.

Seu sucesso e fama são resultados direto de seus métodos inovadores e nada convencionais, já que aliados a um discurso religioso e arcaico estão elementos da modernidade, como a tecnologia da informação e o pragmatismo político, tanto em suas manobras militares quanto no recrutamento de novos adeptos.

Assim, o que causa espanto e surpresa ao mundo atual é o fato de que, paralelo à ambição de criar um Califado, que nada mais seria do que um estado totalmente muçulmano, o EI demonstra também que sua ideologia religiosa e poderio militar construíram um sincronismo perfeito Napoleoni (2013) entre o milenar e medieval sistema político-religioso islâmico e o mundo globalizado. Esta sincronia com o mundo globalizado não está apenas relacionada a tecnologias bélicas como seria o mais comum de se afirmar.

O Estado Islâmico está transferindo parte de sua jihad (guerra santa) para outros campos de batalha. Evoluindo sua guerra santa para mais do que um conflito de uma ideologia religiosa contra o paganismo ocidental, este grupo radical está tornando o seu conflito um espetáculo midiático e controlando a visão do ocidente em relação a sua guerra, segundo Gerard Chaliand (2015). Eles adicionaram a tecnologia da internet e o uso da informação e distribuição da mesma, como novas armas para cooptação e instauração de seu poder sobre as comunidades conquistadas e jovens muçulmanos que se sentem atraídos por essa onda de radicalismo religioso.

O Estado Islâmico transferiu sua batalha para outras trincheiras: o uso ciberespaço elevou a sua jihad ao mundo da guerra de informações usando fatos e ideologias, como armas e ferramentas na instauração de seu califado, mudando a maneira de se fazer terrorismo. Napoleoni, em seu livro *A Fênix Islamista* (2013), faz uma observação em relação a essa característica do grupo:

O que diferencia o Estado Islâmico das demais organizações é o uso que ele faz das demais tecnologias para divulgar barbaridades dessa espécie e promover a própria causa, associando suas produções midiáticas ao noticiário mundial. Na véspera do início da Copa do Mundo de 2014, por exemplo, o EI divulgou pelo Twitter uma partida de futebol disputada por seus

membros em que as “bolas” usadas eram as cabeças decepadas de seus opositores. (NAPOLEONI, 2013, p.69).

Esta monografia não analisará uma possível onda orientalista em relação à Guerra da Síria, mas será importante para esta análise situar-se em relação aos vários estudos e teorias em relação a esta visão estereotipada que, segundo Said (1970), teria sido plantada no imaginário ocidental por uma massiva produção literária de muitos anos, por uma falha intenção de ocidentalizar o oriente para fins lucrativos no século XIX. A intenção desta monografia se aproxima mais em tentar através da observação e da análise de textos jornalísticos, investigar se existe por parte do site da BBC Brasil uma possível associação em seus textos entre a fé islâmica e a cultura muçulmana com as práticas terroristas. A escolha deste portal em sua versão brasileira foi levado pela possibilidade de acesso a textos em português com a mesma quantidade de informações contida nos textos de versão estrangeira, e a uma quantidade considerável de textos relacionados ao conflito em questão (Síria e Iraque). A escolha parte do pressuposto de que a imprensa é considerada segundo Traquina (2012) o “Quarto Poder” que supervisiona todas as demais instituições como uma espécie de “cão de guarda” da informação verdadeira, funcionando na atualidade como um dos principais criadores de “memória comum” como afirma Chomsky (2009).

Logo, usa-se como corpus de análise matérias dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2016 do site de notícias BBC Brasil, do conglomerado estatal de comunicação BBC (Corporação Britânica de Radiodifusão), criada em 1922. Analisaremos neste portal três meses de sua cobertura relacionada à situação do Estado Islâmico.

Foram levados em consideração para a escolha do mês de outubro, novembro e dezembro de 2016 (último trimestre de 2016) diversos aspectos: notou-se através de uma observação superficial nos textos deste período de 2016 uma quantidade considerável de textos com abordagens relacionadas a aspectos da cultura, religião e terrorismo. Considerando tais características deste período, optou-se por usá-lo como o corpus de nossa análise.

Para que se desenvolva de maneira mais fluida, esta monografia de dividirá em quatro partes: a primeira parte será composta de toda contextualização histórica e teórica em relação à situação na Síria e ao grupo extremista Estado Islâmico. Esta parte da monografia apresentará detalhes da cultura e das religiões

Islâmicas, para que se haja uma melhor situação do trabalho nos aspectos culturais e religiosos que envolvem toda a questão do conflito da Síria.

A segunda parte terá a discussão teórica jornalística, tanto em relação a como se construiu o jornalismo de guerra no mundo noticioso (aspectos históricos), tanto em relação a visão de outros pesquisadores em relação a cobertura feita por outros jornais do conflito Sírio, e em especial a ascensão do EI.

A terceira parte será destinada a apresentação dos aspectos metodológicos da pesquisa. Como o intuito é encontrar aspectos associativos nos textos da BBC Brasil entre a cultura muçulmana, a religião islâmica com o terrorismo, a análise de conteúdo (AC) foi considerada como melhor método para se alcançar o resultado desejado.

A quarta parte é o momento onde se fará a análise do corpus. Esta análise será feita a partir de uma observação detalhada de todas as matérias do último trimestre de 2016, onde se buscará alguma associação no texto de qualquer aspecto cultural e religioso em relação as prática terroristas do principal grupo atuante neste conflito (Estado Islâmico). Para se atingir este resultado, buscou-se como método a análise de conteúdo. Segundo Herscovitz (2008), a Análise de Conteúdo é um método de análise de informações, no qual podem ser coletados os mais variados gêneros de documentos. O mais usado para se trabalhar na exploração de informações e documentos são vídeos, em decupagens de documentos gravados no formato de áudio, ou artigos, notícias e documentos bibliográficos

Por fim, temos as considerações finais, onde avaliaremos se o objetivo de nossa pesquisa, que consiste na verificação da existência de possíveis associações entre aspectos religiosos e culturais islâmicos e as práticas terroristas ocorrem nas notícias publicadas em outubro, novembro e dezembro de 2016 no portal de informação da BBC Brasil. E a partir desta verificação, podemos discutir nossa hipótese de que existe associação nos textos da BBC Brasil de fatores religiosos e culturais a práticas terrorista.

A importância de se estudar este tema está relacionada à força da mídia no cenário mundial tanto em situações de conflitos como em situações de paz. Castells (2009) diz que, pelo fato da mídia ser a principal fonte da comunicação socializada, ou seja, da comunicação com potencial de atingir a sociedade como um todo, o

enquadramento da mente pública é em grande medida realizado por meios de processo que ocorrem na mídia.

2 O ESTADO ISLÂMICO

Gérard Chaliand (apud FOTTRINO, 2016, p 91. CHALIAND), no livro *Quem é o Estado Islâmico*, em poucas palavras apresenta os pontos cruciais que diferenciam este grupo extremista dos demais grupos do Oriente Médio. Em suas palavras, “O Estado Islâmico não é uma organização terrorista clássica. Ele utiliza ao mesmo tempo os meios da guerra, da guerrilha e do terrorismo” e em um trecho mais à frente ele continua dizendo. “O Estado Islâmico é craque no manejo das redes sociais para recrutamento e apavorar a sociedade do Outro de maneira a sempre estar presentes nas cabeças” (CHALIAND, 2015. p. 91). Isto é importante para este estudo porque fundamenta a presente visão em relação a este grupo jihadista, para que se entenda de maneira objetiva seus aspectos pouco ortodoxos de junção entre o pragmático islâmico e o uso de estratégias comunicacionais de disseminação em um mundo globalizado.

O surgimento de grupos armados e ideologias radicais geralmente estão associados à quebra de um governo totalitário e um ambiente político totalmente fraco e instável. Segundo Castells (2009), estes fatores acabam por facilitar o nascimento de grupos de opressão que agem na margem da legitimidade política. Pode-se dizer então, que o surgimento do Estado Islâmico não foge à regra.

É importante para esta análise levar em consideração os acontecimentos históricos ligados a eventos políticos e religiosos ocorridos no mundo relacionados ao Oriente, pois, diferente de outros lugares do mundo, a civilização muçulmana tem uma ligação extremamente forte com os acontecimentos passados e a situação atual está inteiramente ligada a ranhuras de seu passado em relação ao Ocidente, como afirma Bandeira (2016). Para que fique mais clara a compreensão acerca do cenário e o ambiente que influenciou de maneira importante o surgimento destes grupos retornaremos algumas décadas na história dos conflitos no Oriente Médio, principalmente períodos relacionados aos do governo de Saddam Hussein, pois teve início aí o uso dos preceitos do Islã de maneira política para consolidar a instauração de um regime ditatorial no Iraque. Segundo Napoleoni (2015), o Estado Islâmico nada mais é, do que o resultado de uma equação envolvendo o imperialismo europeu, a guerra ao terror norte americana e um sistema político totalitário desgastado em todo o Oriente Médio.

Em 1990, no Iraque, Saddam Hussein, movido por uma insatisfação em relação ao Kuwait, alega que o pequeno emirado teria traído a UMM (União Mundial Muçulmana). Pagden (2010) afirma que o Kuwait teria baixado deliberadamente os preços de seus barris de petróleo e, com isso, provocado prejuízo ao Iraque. Isso, na verdade, fazia parte de um acordo do pequeno país com os Estados Unidos, pois o Iraque havia declarado que o pequeno país rico em petróleo na verdade fazia parte dos territórios. Ignorava, na verdade, fato de que o Kuwait já existia há 200 anos, antes da criação do próprio Iraque, pela Grã-Bretanha por intracordo de Sikes-Picot, em 1917.

Estas alegações foram usadas para esconder o seu interesse no petróleo kuaitiano e a crise em seu país. Em 1991, Saddam inicia uma manobra militar de invasão ao Kuwait. Como principais beneficiados do petróleo do Kuwait, Estados Unidos e Grão Bretanha declaram apoio ao pequeno país, atacando de forma brutal as tropas iraquianas, levando Saddam Hussein a incendiar mais de 700 poços de petróleo, pôr fim ao conflito e abandonar os territórios kuaitianos (PAGDEN, 2010).

A Guerra do Golfo, como ficou conhecida, foi um dos principais pontos de ebulição e de justificativa para os primeiros ataques terroristas. A aparente vitória ocidental no Iraque permitiu aos Estados Unidos, com a anuência dos emirados sauditas, instalar bases militares próximas à Meca e Medina. Segundo Hobsbawm (2009), este ato foi considerado por muitos grupos jihadistas, principalmente pela Al Qaeda, como uma ofensa ao Islã, pois Medina e Meca são as duas cidades mais sagradas do islamismo. Este ato foi considerado pelos grupos como Al Qaeda, Talibã e Hesbolah a última traição a uma família árabe e ao Islã. Esta insatisfação e o ataque de 11 de Setembro ao World Trade Center, na cidade de Nova York, dariam início à Guerra do Iraque em 2003, causando o fim do governo de Saddam Hussein e o começo de um governo xiita iraquiano. Uma situação política instável formou o ambiente propício para proliferação de grupos mercenários, radicais e extremistas.

Um grupo extremista surgiu como resultado da insatisfação de muçulmanos sunitas jordanianos em relação a um Oriente Médio totalmente dividido e comandado por potências ocidentais e totalmente destruído após a Guerra do Golfo e do Afeganistão. O grupo atualmente conhecido como Estado Islâmico ou Daesh nem sempre se chamou assim. Aliás, este é apenas um de seus muitos nomes. Este grupo surgiu a partir da ambição de um jovem jihadista jordaniano chamado Abu Musab al Zarqawi, adepto de uma vertente radical islâmica conhecida como

salafismo, uma vertente do islamismo que surgiu em 1990 e que costuma rejeitar tudo o que é de origem ocidental.

Segundo Napoleoni (2013), o objetivo principal de al Zarqawi, quando iniciou seu grupo rebelde, era aproveitar a instabilidade política que havia surgido e criar uma frente de combate contra o governo jordaniano e instaurar um estado totalmente islâmico. Sem muito sucesso, al Zarqawi resolveu aceitar, em 2003, um convite para ingressar na Al Qaeda e se tornar líder do grupo de jordanianos jihadistas no Iraque no qual ele batizou com o nome de Al Tawhid al-Jihad que mais tarde se tornaria Estado Islâmico no Iraque.

À frente do grupo extremista, Al Zarqawi, de acordo com Napoleoni (2013), tornou as manobras do grupo mais territorial e radical contra as influências ocidentais no Iraque, tornando-se o precursor de uma estratégia de ataque que se tornaria muito comum entre os grupos jihadistas; os ataques suicidas promovidos pelos temidos e como ficaram conhecidos, homens bombas. Com dois ataques, em especial em 2003, al Zarqawi deixou claro que esses dois atentados -como mais tarde seriam considerados -foram os indícios evidentes de que al Zarqawi tinha planos bem diferentes dos que al Qaeda havia imposto ao novo grupo jihadista.

Em agosto de 2003, um caminhão bomba explodiu na sede das Nações Unidas em Bagdá, o que levou à morte o chefe da delegação e vários membros da instituição. Pouco tempo após o ataque da base da ONU, o sogro de al Zarqawi, pai de sua segunda esposa, teria se chocado com um carro cheio de explosivos contra uma mesquita xiita do imã Ali. A explosão matou 125 xiitas, além do aiatolá e líder espiritual xiita Mohammed Baqer al- Hakim.

Os ataques foram considerados, na época, como situações isoladas, sem conexão com o que futuramente seria interpretado por analistas do terrorismo como um prenúncio da intenção de al Zarqawi e de ações futuras do EI. Aqueles atentados tinham, na verdade, a intenção de transmitir uma mensagem, mostrar que o conflito da força sunita representada pelo Estado Islâmico no Iraque era composto de duas frentes distintas: uma contra as forças de coalizão estrangeiras ocidentais e outra contra os xiitas que, após a queda de Saddam Hussein, haviam se tornado a maioria no governo iraquiano. Al Zarqawi, usando essas duas estratégias de combate, teria mudado, a partir dali todo o sentido do conflito interno iraquiano (NAPOLEONI, 2013).

Al Zarqawi acreditava que o conflito muçumano só teria solução se as forças dos grupos sunitas, contrárias ao governo xiita iraquiano de Maliki, ao invés de unir forças para travar uma guerra à um inimigo distante (EUA) se organizassem e criassem duas frentes de luta: uma na criação de uma base sólida, um símbolo territorial, uma espécie de Estado que os unissem, uma Jerusalém muçulmana, pois só assim, segundo ele, uma força muçumana teria condições de bater de frente e vencer a segunda frente de luta que seria contra uma potência ocidental.

Com esse pensamento, Al Zarqawi deu a Jihad um âmbito territorial, uma espécie de Cruzada invertida, tendo como os cruzados não mais os franceses e sim os próprios muçumanos sunitas na retomada de uma terra santa para todos os muçulmanos. Napoleoni (2013) afirma que Zarqawi deu a jihad um novo sentido e ideal e Abu Bark deu forma e veracidade a este ideal, com proclamação do Califado. Neste trecho, Napoleoni (2013) ilustra melhor o conceito.

Assim como, para os judeus, a antiga Israel sempre foi a Terra Prometida, o Califado representa para os muçumanos o Estado ideal a nação perfeita, por meio da qual conseguirão sua libertação após séculos de humilhação, opressão racista e derrotas nas mãos dos infiéis, ou seja, das potências estrangeiras (NAPOLEONI,2013,p.31).

Com esta estratégia al Zarqawi tornou-se bem-sucedido em suas conquistas, mas por pouco tempo. Sua morte em 2006, causada por um ataque aéreo norte americano, freou as ações da organização e a incapacitou temporariamente, o que impediu a eclosão de um conflito religioso e uma possível guerra civil no Iraque.

Após a morte de al Zarqawi, o grupo que então era conhecido como braço direito da Al Qaeda no Iraque ficou sem líder. Com lugar livre, teve início em 2006 uma disputa pela liderança do braço da Al Qaeda no Iraque. Nesta mesma época surgiria um crescente movimento sunita, conhecido como Despertar Sunita, que causaria uma onda de insatisfação na população de maioria xiita, iniciada em grande parte por anciões, que convenceriam a população iraquiana a se voltar contra os jihadistas, os considerando como estrangeiros e criminosos. E, com o apoio estratégico militar maciço norte-americano, conseguiu-se enfraquecer as operações de inúmeros grupos jihadistas no Iraque - e junto com eles o EI.

Em 2010, ainda com o nome Al Qaeda do Iraque, o EI passa a ser liderado por Ibrahim Abu Bark al Baghdadi, um jovem muçumano de família rica e intelectual

que afirma descender do próprio fundador do Islã de Maomé. O que sobrou do “braço direito da Al Qaeda do Iraque” volta a se chamar Estado Islâmico.

Sob a liderança de Abu Bark, o EI começa a mudar em muitos aspectos. O grupo continua com manobras de ataque as tropas dos EUA, com base no território iraquiano, mas, aos poucos, começa a se distanciar dos intuitos do seu financiador. Al Baghdadi percebe que, para a população sunita iraquiana, a Al Qaeda havia perdido parte de seu prestígio, depois do enfraquecimento jihadista, por conta do movimento Despertar Sunita. Abu Bark viu, ali, uma boa possibilidade para um aumento substancial de suas tropas (NAPOLEONI, 2013).

Usando como base a insatisfação sunita em relação às atividades estrangeiras da Al Qaeda. Abu Bark inicia uma massiva propagação de uma ideologia nacionalista e separatistas para os povos sunitas no Iraque, trazendo à tona a filosofia de Al Zarqawi, disseminando a sua ideia de um Estado Muçulmano sunita (Califado) não pertencente ao Iraque. Segundo a interpretação de Napoleoni (2013), Abu Bark havia entendido a mensagem de al Zarqawi e sabia que, para os sunitas iraquianos, o governo xiita, chefiado pelo primeiro ministro Maliki que era responsável por um governo totalmente discriminatório e violento contra os sunitas, havia se tornado ainda mais impopular do que a Al Qaeda. Este estado de coisas o levou a atacar um número maior de alvos xiitas, atizando uma guerra religiosa no país. Por estar enfraquecido e sem muita estrutura, a estratégia do novo líder não surtiu muito efeito. Então, al Baghdadi, ao enviar comissários além das fronteiras iraquianas, viu no conflito sírio uma possibilidade de fortalecimento e investimentos na causa, mudando então sua frente de ação para a guerra civil na Síria. Um país em situação parecida com o Iraque, com um governo totalitário enfraquecido pelo surgimento de uma onda de grupos contrários ao regime de Bashar al-Assad, financiados de forma ilegal por potências do Oriente Médio e Ocidentais também.

Logo após o término da Guerra Fria, surge uma nova forma de se fazer guerra em todo mundo e principalmente no Oriente Médio: países ricos, com intenções comerciais em países geralmente de governos totalitários não muito amantes de negociações diplomáticas entram no processo. Estes países, em sua grande maioria capitalista, veem como única solução financiar pequenos grupos rebeldes nos países interessados e de fora também, grupos como Al Nusra, Al Qaeda e Talibã, entre outros, com todo tipo de apoio possível, tanto bélico como financeiro. Estes grupos são usados em suas empreitadas com o intuito de minar estruturas destes outros

países para benefício próprio. Bandeira (2016) assinala que se tem agora um novo tipo de estratégia, que ficou conhecido como “Guerra por Procuração”. Um exemplo disso é a própria guerra civil na Síria.

O Irã, por seu turno, vem dando suporte ao regime de Bashar al-Assad, presidente da Síria, através de seu principal aliado, o Líbano, com financiamentos ao grupo extremista libanês conhecido como Hezbollah para atuar no conflito sírio em prol de Assad. Já os sauditas e os kuaitianos, hoje contrários ao EI, vêm financiando grupos rebeldes contra Al Assad, e financiou, dentre eles, por muito tempo o próprio Estado Islâmico. O que eles ignoravam é que isso os ajudou a criar a estrutura independente.

Este novo método de se fazer guerra foi de muita importância para o crescimento do Estado Islâmico e o surgimento de vários outros grupos jihadista no Iraque, Síria e em diversos outros países muçulmanos. Abu Bark percebeu que no conflito civil sírio não lhe faltariam recursos e viu ali uma excelente oportunidade para estruturar seu grupo e arrecadar fundos através de patrocínios diferentes do Iraque. Na Síria, suas possibilidades de sucesso seriam para alcançar o seu objetivo: a criação de um estado que fosse, em sua totalidade, islâmico. Para um melhor entendimento da importância de um Estado muçulmano no contexto islâmico, faz necessário abrir um parêntese a fim de explicar no que se baseia esta ideia

A ideia da criação de um Estado Islâmico não é uma invenção do EI. Segundo Napoleoni (2013), este ideal faz parte da memória cultural e de uma vontade compartilhada por todo islâmico no mundo, que consiste em trazer de volta as glórias do maior dos Califados, o Califado Abássida de Raqqa, um Estado Muçulmano de esplendor e riqueza que reinou sobre um vasto território no século VIII, território este que cobria desde todo império bizantino estendendo-se até a cidade de Jerusalém,

A escolha do EI pelo conflito sírio não teve apenas objetivos financeiros. A Síria está inserida em um acontecimento histórico de extrema importância conhecido como o Acordo de Sykes-Picot. Este acordo aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial entre a França e a Grã-Bretanha, estipulando as fronteiras territoriais entre a Síria e o recém país criado. Este país, o Iraque, séculos atrás era a capital de um dos maiores e mais gloriosos califados muçulmanos e que teve como capital, durante muitos anos, a cidade de Bagdá, território agora dividido para servir como moeda de barganha, dando os territórios sírios para conseguir apoio da França a Grã-Bretanha nesta guerra mundial, segundo Pagden (2010).

O Estado Islâmico sabia que este tratado era um símbolo para a população islâmica, da subjugação ocidental sobre o Oriente Médio e que a abertura dessa fronteira e a quebra desse acordo atrairiam a admiração da população local e se tornaria uma mensagem de grande impacto de sua capacidade militar ao Ocidente. Seus líderes demonstravam que, para o Estado Islâmico, não existia legitimidade no governo iraquiano e sírio que suas atividades não estavam relacionadas a nenhuma nação criada pelo Ocidente e suas intenções eram trazer de volta o que eles acreditam ser a verdadeira extensão do território mulçumano sunita Napoleoni (2013) cita em seu livro *A Fênix Islamista* o depoimento de um ex-rebelde sírio que havia fugido que o EI:

Muitos se sentiam atraídos pelo EIIL por que ele era mais bem organizado, mais eficiente do que os outros. Seus combatentes pareciam bem-treinados. É necessário entender que a maioria das pessoas que participam dessa guerra não tem a mínima ideia de técnicas de combate [...]. Como entre outros grupos o Estado Islâmico é o que projeta a imagem de grupo mais profissional as pessoas acreditam que vão ser treinadas. Além disso, ele parece determinado a conquistar o controle dos alvos escolhidos. Ora, se você quer combater, é melhor unir-se aos melhores. (NAPOLEONI, 2013.p. 87).

O depoimento do ex-rebelde sírio coloca em evidência que o EI teve, em seu surgimento, aspectos de um grupo extremista igual a todos os outros já existentes naquela região, mas não se pode negar que, com o passar do tempo e com sua maturação, o Estado Islâmico vem se apresentando amplamente organizado e pioneiro em uma nova maneira de se fazer terrorismo. O EI usa não apenas como estrutura o pragmatismo religioso, mas adéqua aspectos de um estado moderno em sua organização, usando a modernidade da globalização como pilar para a estruturação do seu grupo e de suas manobras militares e políticas.

2.1 A RELIGIÃO DO EI

Assim como os cruzados tinham como base ideológica, mesmo que de maneira deturpados preceitos da igreja Católica para sustentar e mascarar a retomada de Jerusalém e a subjugação da população mulçumana junto com os saques a terra prometida, com o EI a coisa não é muito diferente. Eles auto proclamam-se especiais e legitimados pelo manto protetor dos tradicionais costumes e leis mulçumanos conhecidos como sharia. O grupo jihadista tem como sua principal

fonte de sustentação para a criação de Califado (Estado Muçumano) o Islamismo e os ensinamentos do Alcorão.

No Oriente Médio, quando se trata da abordagem de um grupo extremista, é importante se fazer uma contextualização em relação a sua base religiosa, pois assim como as religiões cristãs se dividiram em várias vertentes, o Islamismo, com passar do tempo, da mesma forma, se dividiu em várias ramificações que não se diferenciam do aspecto de crença em Alá e, sim, em aspectos de usos e costumes e âmbitos políticos. Quando se trata de aspectos relacionados à política e ideologia no Oriente Médio, a religião e política são basicamente uma coisa só, e é ela quem solidifica acima de tudo qualquer relação de poder no mundo muçulmano (BANDEIRA, 2016).

No caso do EI, a base religiosa que eles usam para seus movimentos é uma mescla de duas ramificações, que tem em suas características mais aspectos políticos do que religiosos. Mesmo assim, é importante contar um pouco sobre a história do Islã, pois parte do discurso EI resgata alguns simbolismos em relação à origem da religião do Alcorão para dar mais confiabilidade a suas intituladas “missões sacras”.

O Islã teve sua origem na Península Arábica, em uma famosa rota comercial. Na época da criação do Islamismo, a Península Arábica tinha uma população de maioria politeísta e amante de rituais "pagãos". O fundador do Islamismo é conhecido como Maomé, mas seu verdadeiro nome é Maomé Ibn Abdallah. O jovem Maomé nasceu em uma família pobre e, quando criança, ficou órfão sendo adotado por seu tio Abu Talib que o transformaria em um caravaneiro responsável por conduzir caravanas do tio da Síria a Palestina e o Iraque.

Nestas viagens, Maomé teria tido contato com diversas outras culturas, como o cristianismo e judaísmo e, de maneira inconsciente, teria tido os primeiros vislumbres da religião que fundaria. Mauriney Eduardo Vilela, em seu livro *Irmãos Inimigos* (2002), esclarece que:

De todas as novidades culturais, as que mais interessavam Maomé eram as que estavam relacionadas a religião. Foi enorme a impressão que as religiões monoteístas, praticadas pelos judeus e pelos cristãos, causaram ao jovem. (VILELA,2002,p.70).

O contato de Maomé com a religião monoteísta dos judeus teria estruturado, em muitos aspectos, o próprio islamismo, segundo Vilela (2002). A religião Islã teve seu início no ano de 610 d.C. Segundo relatos históricos, Maomé tinha o costume de meditar em grutas no Monte Hira e, em uma destas noites de meditação, exatamente no dia 27 do mês de Ramadã (os árabes utilizam o calendário lunar), o "profeta" teria visto o anjo Gabriel que teria lhe dito que Alá era o único deus. As visitas do anjo ao jovem "profeta" teriam durado anos, até que os ensinamentos do Alcorão fossem transmitidos. O Alcorão é o principal livro da fé islâmica e nele Maomé teria escrito todas as revelações de Alá, transmitidas através do anjo Gabriel. Seus escritos são compostos apenas de orações em versos. O Alcorão é o único manual de comportamento que um muçulmano deve seguir e é a partir de seus escritos que se baseia a Xariá,³ o principal sistema de leis islâmicas.

De início, as mensagens de Maomé não foram muito aceitas pela população de Meca, a capital da Península Arábica, local escolhido por ele para iniciar suas pregações. Alguns aspectos culturais traziam algumas barreiras à disseminação do novo ideal religioso do jovem Maomé.

A grande cidade de Meca era o centro populoso e comercial da rota do Oriente. Mas, além disso, a cidade de Meca era a capital de um culto "pagão" bem "estranho" ao redor de um pedaço de meteorito esculpido em formato de um cubo conhecido como Pedra Negra, que ficava sob uma mesquita toda de mármore branco conhecido como Caaba. Existia uma crença popular e que criava uma áurea em volta destes dois monumentos, uma lenda que afirmava que aquele templo ficava exatamente no centro do mundo e o culto àquela pedra escura era fonte de grande prosperidade.

Este fanatismo ao redor da Caaba ⁴prejudicou em muito a proliferação do islamismo, que tinha como foco de suas mensagens o fim do culto às imagens. Doravante, apenas a adoração de um único deus invisível era permitida. Além disso, o Islã pregava todo um sistema que abrangia tanto o comportamento espiritual como os de convivência e atitudes no plano material. Esta nova ideologia cheia de proibições não teve muito sucesso na cidade. A insatisfação em relação às

³ Xariá ou Sharia: Literalmente, "legislação", palavra que se refere ao código moral e legal que coliga ideologicamente os muçulmano e rege todos os aspectos de suas vidas. (NAPOLEONI, 2013. p. 143).

⁴Caaba; Templo em Forma de cubo localizado na cidade de Meca, que abriga a "Pedra Negra" (objeto mais sagrado o Islã).(VILELA,2002. p. 86).

pregações do novo profeta não afetou só os fiéis ao culto à pedra negra e Caaba que rejeitavam as pregações. Os comerciantes também se sentiram incomodado, pois, com o fim da idolatria à pedra, iniciou-se um processo de falência, uma vez que a fonte de seus lucros estava nas peregrinações ao templo branco. O jovem profeta conseguiu alguns seguidores e bastante insatisfação popular. Isso obrigou a Maomé a fugir de Meca e se instalar em uma cidade próxima chamada Medina.

Em Medina, a maioria dos habitantes também seguia os velhos rituais politeístas, mas, ao que parece, a cidade oásis, localizada a 340 quilômetros de Meca, foi mais receptiva ao criador do Islã. Vilela (2002) afirma que a recepção do islamismo em Medina ocorreu pelo fato de que:

[...] havia também, uma coesa comunidade judaica, organizada em torno de seus rabinos, de suas escolas e de uma monolítica estrutura jurídica. Alguns dos comerciantes árabes que seguiam os rituais pagãos percebiam que a força econômica dos judeus residia em sua unidade cultural, derivada de seu monoteísmo religioso. (VILELA, 2002, p.60).

Os árabes de Medina perceberam que as propostas das mensagens de Maomé eram, em muitos aspectos, parecidas com as do sistema judeu e que, para os judeus, esta união religiosa e política traziam muito benefício econômico. Então, perceberam que se eles se juntassem através de uma ideologia religiosa e cultural única, se tornariam mais fortes comercial e militarmente. Esse movimento de aceitação em massa do islamismo fez de Maomé um grande líder religioso, político e militar da cidade e Medina, a capital e primeira cidade sagrada do Islã.

Medina foi cidade onde foi erguida a primeira mesquita e também foi a primeira cidade a ser política e religiosamente islâmica. Maomé se tornaria o primeiro Emir de Medina e essa transformação política e religiosa traria consequências existentes até hoje.

A famosa “guerra santa”, a primeira Jihad, aconteceu, na verdade, com o retorno de Maomé a Meca, através de uma campanha militar. Segundo Vilela (2002), existiam muitos fatores que tornavam Meca um local de extrema importância para o islamismo. A região na qual a cidade se encontrava, havia sido o lugar onde o profeta havia recebido as primeiras revelações pelo anjo Gabriel. Outro fator muito importante era a existência de uma lenda local que afirmava que a Caaba, o templo de Mármore Branco que abriga a sagrada Pedra Negra - um objeto que, segundo revelações do anjo a Maomé - teria, esta pedra preta sido ofertada a Ismael pelo

próprio Alá que havia também ordenado ao seu Pai Abraão que construísse a Caaba para guardar o artefato.

Meca não era apenas um lugar com laços afetivos para o profeta. Maomé tinha consciência de que um símbolo palpável era uma das bases fortes para o fortalecimento de uma crença. Além de mística, Meca, era um poderoso centro econômico e populacional e, mesmo o islamismo sendo contra a adoração de imagens, era necessário que houvesse um objeto que personificasse a presença de Alá e do Islã na terra. Além disso, o Islã não era mais uma religião, era mais do que isso, era um Estado que precisava de uma capital e Meca parecia perfeita para Maomé, como afirma Vilela (2002).

No ano de 630, Maomé liderou uma expedição militar para a tomada de Meca. Para o profeta retornar como um mero morador não era possível a única possibilidade seria tomar a cidade de maneira bélica e subjugá-la ao governo muçulmano. O "profeta" do Islã conseguiu tomar a sua cidade sagrada, mas, ao invés de matar todos os infiéis que o haviam expulsado, ele lhes concedeu anistia, conseguindo assim a simpatia da população de toda Meca, e a transformou em grande cidade, a primeira capital de seu Estado Islâmico.

Os períodos nos quais o novo mundo muçulmano fora governado pelo profeta foram anos de paz e de expansão para o Islã. Com um estado que funcionava bem apenas baseados em preceitos religiosos e sem muitos aspectos burocráticos, permitiu a Maomé um governo tranquilo sustentado por alianças de estilos meios prosaicos e antigos através dos seus vários matrimônios. Os casamentos do profeta o permitiram controlar seu Estado Muçulmano até o ano de sua morte, em 632 d.C. A morte do profeta marcou o fim de uma fé unida, e a disputa entre Medina e Meca pela sucessão causaria uma divisão na religião Islâmica presente até os dias atuais.

Maomé foi substituído por um de seus sogros, Abu Bark, um ancião rico influente de Meca. Essa escolha acabou causando insatisfação dos fiéis de Medina, que resolveram apoiar Ali, um primo de Maomé que se considerava o verdadeiro herdeiro ao posto de Califa (sucessor) do estado criado por Maomé. A revolta de Medina foi contida com grande violência pelo novo Califa que, em seu curto reinado, foi responsável pela invasão árabe aos territórios persas, sírios e palestinos.

A insatisfação em relação ao substituto de Maomé, mesmo contida, causou uma divisão que nunca mais seria unida novamente a crença islâmica se dividiria em duas vertentes que a partir do primeiro califado continuariam em constante conflito e

pequenos períodos de paz. Após a morte do profeta a população islâmica se dividiu em dois grupos, os Sunitas e os Xiitas. Os Sunitas foram aqueles que apoiaram o califado do sogro de Maomé Abu Bark. Já os Xiitas eram em grande maioria composto por fiéis de Medina, que eram contra os primeiros califas e a favor da sucessão do profeta por seu primo e genro Ali. (ROBSON,2007).

A base religiosa do Estado Islâmico vem da vertente sunita. O próprio auto proclamado Califa Abu Bark considera-se descendente do próprio profeta e também do primeiro Califa. Mas, além de sunita, o EI segue outra vertente islâmica, o salafismo. Este movimento islâmico teve sua origem no ano de 1990 com a iniciativa de grupos jihadistas contra o regime soviético no Afeganistão. O salafismo prega a total repulsa a qualquer influência ocidental, e acreditam também que existe apenas uma forma de se propagar o Islã; através da subjugação dos que consideram infiéis (ocidentais e xiitas). Toda forma de representação ocidental, para os salafistas, é considerada uma blasfêmia ao Islã e ao modelo de vida muçulmana; é considerado crime passível de morte (pois blasfêmia é um crime no qual a sentença é a morte) a qualquer um que se entrega aos costumes do Ocidente. (NAPOLEONI, 2013).

2.20 PARADOXO DO ORIENTALISMO

Os aspectos ideológicos praticados e transmitidos pelo Estado Islâmico podem ser considerados um paradoxo, mas, na verdade, trata-se de um paradoxo mais presente no imaginário do Ocidente em relação ao Oriente. A definição de paradoxo, segundo o dicionário Aurélio (2008) é: "conceito que é ou parecer contrário ao senso comum" (DICIONARIO AURÉLIO, 2008, p.608). Se formos olhar o aspecto discursivo e comportamental do EI, poderemos observar que existem muitos pontos que se assemelham ao conceito de paradoxo. O primeiro deles está relacionado a própria vertente religiosa da qual eles afirmam fazer parte, qual seja, o salafismo e os métodos de cooptação utilizado por eles.

Muitos dos métodos discursivos e operacionais do grupo jihadista vão contra o preceito islâmico salafista já que, para o salafismo, qualquer representação ou costume ocidental é veementemente repudiado. Mas o que se torna incompreensível é que, tirando o aspecto religioso de seus discursos os métodos de ação estratégica militar e ideológica do EI, estão ancorados em mecanismos e visões de mundo que são muito próprios do Ocidente. Assim, este aspecto paradoxal do Estado Islâmico

levanta uma questão relacionada à visão que temos do próprio Oriente. Será que este aparente e paradoxal corolário de preceitos e métodos do EI não estariam associados à noção imagética do Oriente, exposta pela própria mídia e literatura Ocidental?

Quem nos traz estes questionamentos relacionados ao imaginário ocidental, a partir do qual os ocidentais concebem os orientais, no seu recorte geográfico do Oriente Médio é Said (2003) que define "orientalismo" como predefinição de certos contextos relacionados ao Oriente, chamando a atenção, por exemplo, sobre o comportamento dos cidadãos ocidentais quando formam opiniões sobre o Oriente Médio, tendo posições quase sempre negativas; referem-se a essa cultura, tanto política como religiosa de forma pejorativa, como se os "árabes" possuíssem uma civilização ultrapassada. Quando a mídia e a literatura ocidentais referem-se ao Islã, o fazem de forma discriminatória, relacionando, quase sempre, o Islã ao terrorismo, ao machismo e ao radicalismo.

Said (2003) afirma que esta tendência, esse movimento em direção contrária à cultura islâmica teria se iniciado via potências imperialistas, primeiramente as europeias, no intuito de se criar uma imagem inferiorizada de seus vizinhos do Oriente Próximo. Na verdade, este fato - a criação desse preconceito - tornou-se mais intenso no período que vai do século XVI ao XX, mas seu real início começou há muitos séculos antes. Said (2003) relata que, desde as guerras persas, o Ocidente através das tragédias gregas tenta criar uma imagem obscura, diabólica e fraca em relação ao Oriente. A esse respeito ele afirma em seu livro que:

[...]desde um marco tão remoto como a peça de Ésquilo Os Persas, o Oriente é transformado, passando de uma alteridade muito distante e frequentemente ameaçadora para figuras que são relativamente familiares (no caso de Ésquilo, mulheres asiáticas aflitas). [...] obscurece o fato de que o público está assistindo uma encenação altamente artificial de algo que um não oriental transformou num símbolo de todo o Oriente. (SAID, 2003, p. 47).

Segundo Said (2003), a construção de uma imagem negativa em relação ao Oriente na memória cultural ocidental já vem sendo estruturada, portanto, há muito tempo e isso resultou em gerações pós gerações sendo criadas com predefinições baseadas em conceitos que reafirmam aspectos míticos e não reais, em relação ao outro extremo do planeta, deixando sempre cristalizado, na cultura ocidental, que o

Oriente é uma espécie de animal selvagem que sempre necessitaria de algum controle.

Essa massiva imposição de conteúdos ideológicos negativos pode ser considerada os responsáveis por inúmeros acontecimentos inclusive na própria Europa no século XX. O anti-semitismo criado pelo orientalismo nos textos de um orientalista conhecido como Renan relacionava a imagem de judeus, árabes e palestinos de forma sempre a inferiorizar estas raças, ao mesmo tempo em que superiorizava a imagem do europeu. Estes fatos poder ser considerados determinantes e, assim, ter servido de base para uma Alemanha nazista, que resultou no assassinato de 6 milhões de judeus no holocausto, mortes estas que o partido nazista naturalizava, já que baseava seus ideais em textos como estes que Said cita em seu livro:

Leia-se quase toda página de Renan sobre o árabe, o hebraico, o aramaico ou o proto-semítico, e o que se lê é um fato de poder, pelo qual a autoridade do filólogo orientalista colhe à vontade na biblioteca exemplos do discurso humano e ali os enfileira rodeados por uma suave prosa europeia que aponta os defeitos, as virtudes, os barbarismos e as deficiências na linguagem, no povo e na civilização. (SAID, 2003, p. 52).

O orientalismo conseguiu, nesse processo tanto de produção literária quanto de mídias digitais, criar através de uma vasta quantidade de produções, aquilo que de certa forma tentavam fabricar desde tempos remotos, isto é, construir uma percepção ocidental sofisticada e evoluída, transformando algo idealizado em fato verídico. Este aspecto inferiorizado do oriente em relação ao ocidente contribui segundo Said (2003), para um futuro sombrio em que as culturas, ao invés de se integrarem, numa rede de solidariedade e interação cultural acabam por segregarem-se, onde conquistas históricas das quais os europeus se orgulham como o iluminismo e a democracia, acabam por tornarem-se elementos de manobra de uma política exploratória e radical de dominação.

[...] sociedades contemporâneas de árabes e muçulmanos sofreram um ataque tão maciço, tão calculadamente agressivo em razão de seu atraso, de sua falta de democracia e de sua supressão dos direitos das mulheres que simplesmente esquecemos que noções como modernidade, iluminismo e democracia não são, de modo algum, conceitos simples e consensuais que se encontram ou não, como ovos de Páscoa, na sala de casa. (SAID, 2003, p. 73).

A produção intensa no Ocidente de conteúdos literários e científicos, como instrumento de reforço de um ideal que busca fundamentar e tornar normal o aspecto bárbaro, justificando, assim, a submissão pelas potências imperialistas desde o século XVIII, leva a que as nações do oriente reajam, e reajam da pior forma possível, fruto do ódio acumulado. O ódio tornou-se o fermento da força retórica e bélica no Oriente Médio, que vai violentamente contra esse ideal europeu, vão passar a rechaçar toda a produção intelectual e literária europeia, desde o contexto da expansão inglesa, francesa e alemã. Trabalha ardentemente a destruição do sentimento de superioridade europeu, esse mesmo europeu que tinha como intenção última cobiçar e apropriar-se das riquezas orientais. Esta é a verdade histórica que o Oriente quer revelar. A dominação ocidental que se construiu a partir da imagem de um oriental submisso fez as produções literárias sobre o oriental aumentarem em uma proporção consideravelmente alta.

[...] tem se estimado, que foram escritos cerca de 60 mil livros sobre o Oriente Próximo entre 1800 e 1950; não há um número nem de longe comparável de livros orientais sobre o Ocidente. Como aparato cultural, o Orientalismo é agressão, atividade, julgamento, persistência e conhecimento. (SAID, 2003, p. 84).

A necessidade das potências europeias em construir uma imagem do Oriente para minimizar as arbitrariedades negativas em relação a suas manobras de subjugação desumana em diversas nações do Oriente Médio foi tão grande que Said (1970) apresenta um discurso de um diplomata inglês chamado James Bauford, que afirma em discurso que, subjugar uma nação oriental era necessário devido à incapacidade que eles tinham em se organizar. Said mostra em um trecho este discurso:

A Inglaterra conhece o Egito; o Egito é o que a Inglaterra conhece; a Inglaterra sabe que o Egito não pode ter autogoverno; a Inglaterra confirma esse conhecimento ocupando o Egito; para os egípcios, o Egito é o que a Inglaterra ocupou e agora governa; a ocupação estrangeira torna-se, portanto, 'a própria base' da civilização egípcia contemporânea; o Egito requer, até insistentemente, a ocupação britânica. (SAID, 2003, p.87).

Atualmente, o orientalismo se encaixa perfeitamente no novo conceito imperialista do século XXI. Said (2003) afirma que agora o orientalismo está se mesclando ao discurso da globalização e a modernização mundial como um todo.

Neste trecho ele explica de maneira simples esta incorporação do orientalismo no imperialismo norte americano.

[...] orientalismo também se espalhou nos Estados Unidos agora que o dinheiro e os recursos árabes têm acrescentado um considerável charme à tradicional 'preocupação' com o Oriente, estrategicamente importante. O fato é que o orientalismo tem se acomodado com sucesso ao novo imperialismo, no qual os seus paradigmas regentes nem contestam, e até confirmam, o persistente desígnio imperial de dominar a Ásia. (SAID, 2003, p. 91).

O paradoxo que relaciona o orientalismo e o grupo jihadista Estado Islâmico se apresenta em relação à imagem que temos e a imagem criada do próprio EI e de sua Jihad. Se relacionarmos o fato de que grande parte da opinião sobre o oriente foi estrategicamente construída no decorrer do tempo, e que este movimento orientalista esteve presente nas nações colonizadas pelas potências imperialistas, podemos partir do pressuposto que, parte da imagem transmitida pelo Estado Islâmico, relacionada ao seu discurso não são uma criação oriental e nem do próprio grupo.

Os aspectos imagéticos criados pelo grupo jihadista são, em parte, resultado do conceito criado por esta onda orientalista que, devido à quantidade de tempo que vem sendo injetada nas memórias culturais de diversas nações ocidentais e orientais mesmo, principalmente as que foram colonizadas, começam a virar, lentamente, este jogo.

Estes componentes negativos com os quais nascemos sendo impostos pela pelas mentes ocidentais, aplicada de maneira maciça pelas potências europeias, teve também, apoio de outro império, o do entretenimento construído com enorme sucesso pelo cinema e outras mídias norte americanas. As mensagens, principalmente nos filmes, chegam às telas cheias de mitificações, relacionadas a revoluções sociais, reforçando aquilo que o ocidente rejeita elementos religiosos e comportamentais, levando o público, ao final, tecerem, sempre, julgamentos morais.

Nesse sentido, usando o pensamento de Chomsky (2013) sobre o poder da mídia, os filmes, como o clássico *Lawrence da Arábia* (1962), que conta a história do major inglês T.E Lawrence que decide apoiar a guerra dos beduínos contra os turcos pela independência de seus territórios, vêm carregados de simbologias relacionadas à educação, a diminuição das mulheres na sociedade, o modelo familiar longe da "tradicional família cristã", enfim, acentuam os costumes medievais, mas com o

cuidado de excetuar aspectos bons associados do período medieval europeu, principalmente os relacionados à moral cristã católica.

Estes aspectos não aliviam e nem amenizam as ações do EI, mas pode ajudar a explicar em muitos ângulos, a sociedade do oriente atual e como ela se tornou tão conturbada com um sistema político tão frágil. E torna um pouco mais compreensível o porquê do anseio de muitas comunidades muçulmanas empenharem-se em trazer de volta o Califado, pois a ideia de califado, para eles, está associada a um período de liberdade e identidade cultural sem intromissões exteriores.

Silva (2016), em seu artigo sobre evidência da influência do Orientalismo no pós-11 de setembro, apresenta uma análise aos textos de Said em uma representação mais atual. Enquanto Said criticava o mercado literário, artístico e cinematográfico, Silva (2016) baseia sua análise mais focada nos meios de informação, na literatura informativa e em alguns aspectos do cinema de ação. Em um trecho da conclusão de seu artigo ele apresenta de forma interessante a sua análise sobre esta nova onda Orientalista.

Os atentados de 11 de Setembro, devido à sua cobertura midiática e à busca pela compreensão do fenômeno em questão, levou parcela da população ocidental a se alimentar de fontes orientalistas. Caricaturas que reúnem características rígidas dadas aos homens de acordo com o seu local de nascimento ou fé que professa foram produzidas, como se a nacionalidade e a opção religiosa fossem sinônimos. Explicações superficiais surgem para explicar incidentes que envolvem povos islâmicos e não islâmicos. Rasas e sem substância, tais explicações sucumbem àqueles que possuem uma pequena boa vontade de racionalizar as argumentações estereotipadas. (SILVA, 2016,p.72).

Silva (2016), assim como Said, critica a maneira como é representada as questões políticas e culturais daqueles povos. O que se é mostrado pelo ocidente, através da mídia, do jornalismo e da literatura, não passa até hoje vê uma visão cheia de estereótipos e cheia de representações rasas, que peca em associar atos e ocorrências terroristas a conceitos culturais e religiosos. Esta análise de Silva se mostra bastante associada aos eventos e representações da Guerra da Síria e da própria concepção de análise do EI que se partimos da análise deste pesquisador podemos afirmar que o este grupo e uma representação muçulmana do orientalismo ocidental, ou seja, o Estado Islâmico, através de seu discurso mesclado, onde a matriz cultural islâmica mistura-se às características estéticas ocidentais, vem

respondendo, em certa medida, à vontade de parte da população, em especial aos anseios do jovem de cultura oriental em tornar-se uma nação independente sem o controle Ocidental.

Isaac Newton, em uma de suas leis da física, afirmou que toda ação efetuada tem como resultado uma ação contrária. Podemos teorizar a partir de Newton, que o Estado Islâmico e esta onda sucessiva de ataques rebelde terrorista direcionada aos governos apoiados pelo ocidente e ao próprio ocidente em si, seja o resultado de anos de imposições de países ocidentais no mundo oriental. O Estado Islâmico aparece, assim, como aquele que vem restaurar a história genuína, de um povo para que este se reconheça como portador de uma cultura elevada, que por anos fora negada, e que este povo nutra, por fim, um profundo sentimento de pertencimento. NAPOLEONI (2013) neste trecho exemplifica bem este conceito e sentimento de autoindulgência dos muçulmanos, ela afirma que.

Mas também, com a queda do Califado, vieram séculos de conquista e humilhação impostas aos seus tutelados, deixando profundas cicatrizes na identidade e na autoestima da população muçulmana. Quando os europeus redesenharam o mapa desse território histórico e antiquíssimo, essas feridas foram reabertas. Em muitas ocasiões, desde o século 11, todos os movimentos de renascimento do mundo muçulmano alimentaram o sonho profundamente nostálgico de restauração das antigas fronteiras do Califado. (NAPOLEONI, 2013. p. 103).

O projeto do EI tem nitidamente seus planos e seus meios, bem como seu alvo. A expiação da culpa do Ocidente e a reparação que vai ser exigida pelo EI, o mundo já está assistindo. O preço de tudo isso, dessa "vingança sagrada", vai ser altíssimo, aliás, como já tem sido. Este estado misto de política e religião ergue-se como a personificação através do resultado violento de um grupo extremista apegado a aspectos tradicionais do oriente, mas que não vê contradição alguma em usar como ferramenta artefatos do mundo globalizado - plataformas digitais - para atrair e destruir tudo que o impeça de alcançar seus objetivos: a criação de um Estado que, em sua essência, mais parece um "reino" de Alá na terra.

3 A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE O EI

Para tentar entender o papel da mídia ocidental em relação ao grupo extremista e a cultura e religião islâmica, inúmeros pesquisadores vêm analisando a cobertura jornalística deste conflito e de outros conflitos no Oriente Médio. Alves (2016) apresenta uma análise da cobertura jornalística feita pelo portal G1e pelo jornal *Folha de São Paulo* no pós-ataque terrorista contra o jornal de sátiras francês *Charlie Hebdo*, no centro de Paris em 2014. A análise feita por Alves (2016) demonstra que nas matérias produzidas por estes veículos há algum tipo de associação entre o Islã e a cultura muçulmana ao terrorismo. Ele observa a criação de um sentido pejorativo da religião Islâmica e da pessoa cultural do muçulmano no imaginário do leitor. Em um dos trechos de seu trabalho, afirma que “estudar esse assunto é importante para que haja a compreensão de como a mídia contribui, em seu noticiário, para que a população tenha uma imagem equivocada dos árabes e muçulmanos” (ALVES, 2016, p.75). A pesquisa apresenta uma associação muito forte nas matérias entre as motivações terroristas e alguns aspectos da fé e da cultura muçulmana. Um trecho de sua análise afirma que:

Embora o veículo não faça uma clara ligação entre muçulmanos e grupos terroristas, fica implícito dentro das matérias que há uma construção dos seguidores do islã, posicionando-os e citando-os junto com grupos extremistas. (ALVES, 2016, p.75).

Segundo este autor, a ligação não está explícita nas matérias e sim implícita. Alves (2016) argumenta que talvez não seja uma atitude proposital dos veículos apresentar de uma forma associativa os dois fatores, e sim, apenas uma possível necessidade de seguir os padrões preestabelecidos por outros veículos que também cobriram o caso.

No período de análise das matérias do G1, somente uma expressão foi utilizada para classificar o islã. A palavra utilizada foi “extremismo”. Ainda assim, o contexto em que o termo foi utilizado faz com que essa classificação do islã não seja pejorativa, pois evidencia que a religião tem outro lado: o não extremista. (ALVES, 2016, p.97).

Ao mesmo tempo em que sua análise demonstra que as reportagens não apresentam o Islã de uma maneira pejorativa, ele também salienta que as matérias apresentadas pelo portal não fazem uma contextualização relacionando o Islã a

aspectos religiosos e não extremistas para situar o leitor que existe uma diferença. O que segundo ele, acaba permitindo uma associação por parte de quem lê a matéria de que a religião islâmica tem total associação com o terrorismo.

Percebeu-se que a forma como o G1 constrói a imagem do islamismo não é difamatória, entretanto, a ausência de informação acerca do povo islâmico, contextualizando o assunto e tecendo um histórico para que o leitor se situe dos fatos, faz com que não seja possível separar a religião do Estado Islâmico. (ALVES, 2016, p.97).

Castells (2009) traz uma abordagem interessante a respeito desse mecanismo-chave de criação de mensagem, conhecido como enquadramento. Segundo ele, esse mecanismo, nada mais seria do que a associação implícita entre dois objetos em uma mesma moldura. Ele afirma que não há necessidade de se apresentar uma explicação explícita. O simples fato de estes dois fatores (Islamismo e terrorismo) estarem situados em uma mesma moldura ativarão automaticamente uma relação negativa interligando os dois conceitos. Ou seja, o simples fato dessas matérias não trazerem nenhuma informação que venha distinguir os conceitos, já os coloca automaticamente na mesma linha de uma única interpretação, que neste caso, seria a associação da religião islâmica ao terrorismo.

No trabalho de Alves (2016) exemplifica-se bem isso, pois, como sua análise mostrou, não existe uma ligação explícita entre o terrorismo e a religião islâmica, mas a frequente associação deste dois em um mesmo texto, o que acabaria por incentivar esta associação.

Born Steinberger-Elias (2016) tenta mostrar em seu texto que aspectos culturais e ideológicos podem influenciar na maneira como um fato estrangeiro é noticiado em outro país, no caso, o Brasil. Ao entrevistar os principais correspondentes que cobriram o atentado ao *Charlie*, ela apresenta uma insatisfação por parte dos jornalistas em relação à atenção dada pelo Ministério de Relações Exteriores (Itamaraty), que segundo eles, não deram o apoio necessário que merecia a ocasião. Born Steinberger-Elias (2016) afirma que isso influenciou em certos aspectos a maneira que o fato foi noticiado na imprensa brasileira.

Born Steinberger-Elias (2016) explica que a maneira como o correspondente assimila o fato ocorrido em um país estrangeiro terá várias influências a partir de fatores diferentes. Segundo ela, quando o correspondente se vê diante de um fato, ele irá associar aquele fato, inúmeras préconcepções que foram gravadas em sua

memória, como, por exemplo, a associação do fato com sua cultura de origem ele precisa transmitir aquele fato do modo como o seu país melhor compreendia e não como de fato pareceu acontecer. Para ilustrar este conceito, ela usa como exemplo a queda das torres gêmeas no, 11 de setembro. A autora diz que, no primeiro momento, o fato foi repassado para a mídia brasileira como um “grave acidente aéreo” e não um ataque terrorista. Uma das explicações da autora para essa apresentação primária dos fatos é que, para o correspondente estrangeiro, em especial o do Brasil, não acostumado aos cenários de guerras e também de atentados terroristas em seu cotidiano cultural, ao ser apresentado ao acontecimento sua primeira associação do fato se relacionou a algum aspecto que era familiar em seu cotidiano. Esta associação primária é comum, de acordo com Born Steinberger-Elias (2016). Mas, ao se deparar com uma cultura diferente da qual está acostumado em seu país de origem, este mesmo correspondente que em um primeiro momento apresentou o fato de uma forma, mudará a sua apresentação do fato. Ou seja, a cultura vivenciada por ele em um pó primário irá influenciar de maneira importante a forma como a notícia será repassada por este correspondente ao seu país de origem.

Então, partindo deste pressuposto, a autora afirma que o processo de cognição fará com que a cobertura deste fato jornalístico tenha duas facetas. Uma vista e escrita pelo correspondente e outra lida e assimilada mediante aos conceitos já pré-adquiridos pelo leitor em relação ao fato.

Assim, o sentido dos fatos dependeria da trama em que estão inseridos e só poderia ser alcançado a partir de filtros parciais socialmente acessíveis. Isto é, acessíveis a um modo de conhecimento possível para uma determinada sociedade em um tempo e espaço culturalmente determinados. (BORN STEINBERGER-ELIAS, 2016, p.63).

Ou seja, segundo a pesquisadora, o sentido dos fatos e também a maneira como estes fatos noticiosos serão apresentados, dependerão “da trama” ou do “ambiente” em que estará inserido o jornalista e o leitor. A situação cultural segundo a análise feita por ela tem a capacidade de influenciar a maneira em que os fatos são enxergados, tanto para o emissor como a para o receptor. A maneira como o Estado Islâmico, o povo muçulmano e a fé Islã são representados, por associação ou não, terá ligação ao contexto social em que cada jornal se insere e a maneira com que

seu processo de cognição associa estes fatores, explica Born Steinberger-Elias (2016).

Diferente dos estudos feitos por Alves (2016) e Born Steinberger-Elias (2016), Witzki (2015) faz uma espécie de caminho inverso e procura apresentar aspectos de outra perspectiva. O pesquisador apresenta em seu artigo o processo de autopromoção e midiatização feito pelo grupo Estado Islâmico de si mesmo, no período de 2014, através de todo um mecanismo de produção e divulgação.

A este processo de midiatização e autopromoção de feitos e ideologias Witzki (2015) dá o nome de “estética do medo”. O pesquisador faz uma análise de discurso através das imagens publicada pelos grupos em diversas plataformas de publicação, observando aspectos simbólicos incrustados na imagem, como, por exemplo, gestos, paisagens e feições. O autor tenta apresentar todo um processo de construção feito pelo EI para se mostrar para o mundo. Ele afirma que:

A “estética do medo” presente nos vídeos publicados transpassa a função de apresentar as reivindicações do Estado Islâmico para impregnar sensações reais de repulsa a cada nova franquia audiovisual de violência, aferindo ao grupo rebelde poder de dominação. Unindo brutalidade à produção cinematográfica e distribuição digital dos seus vídeos, utilizando estratégias virais de recrutamento e impondo aos dominados suas crenças, o grupo avança sua presença local e global. (WITZKI, 2015, p.01).

O uso do termo “estética do medo” pelo autor tenta ilustrar o termo central de sua análise, que tem como objetivo mostrar que por trás desta campanha midiática de terror feita por eles, existe todo um processo de produção com roteiro e esquema de câmeras para se criar segundo ele, uma espécie de “aura simbólica”, envolta ao redor de seus vídeos e imagens. O autor destaca esta questão:

As produções realizadas pelo Estado Islâmico para serem postadas na internet são realizadas a partir de estratégias próprias de edição, posicionamento de câmera e, supostamente, dirigidas a partir de roteiros com o objetivo de apreender a atenção de um espectador. (WITZKI, 2015, p.06).

Para exemplificar esta afirmação, Witzki (2015) usa como objeto de análise imagens de três vídeos publicados entre 2014 e 2015, de grande repercussão mundial. Os três vídeos em questão, usados pelo autor para o estudo foram publicados pelo EI com o intuito de passar uma mensagem ao mundo Ocidental e Oriental. Nelas, três jornalistas de nacionalidades diferentes são executados em frente a uma câmera.

Entre estes três jornalistas executados está James Foley, um experiente correspondente de guerra, famoso por cobrir a Guerra do Afeganistão e do Iraque. Witzki (2015) diz que este vídeo está cheio de simbolismos e mensagens implícitas de ameaça e autopromoção.

Entre muitas analogias feitas no texto, a primeira feita pelo autor está associada à nacionalidade dos três jornalistas: um americano (James Foley), um inglês (Steven Sotloff) e um japonês (Haruna Yukawa). Segundo Witzki (2015), o uso da diferença étnica nos vídeos está extremamente associado a um contexto histórico, relacionados à retaliação do Oriente Médio após a Primeira Guerra Mundial pelas potências ocidentais da época (Inglaterra, França). A escolha de três homens de nacionalidades distintas está extremamente associada a uma mensagem de vingança e retaliação por parte do grupo extremista ao imperialismo inglês e japonês no pós Primeira Guerra. E aos Estados Unidos, que representa neste contexto atual o novo poder imperial do século XXI.

Outras características são analisadas pelo autor em seu processo de observação do vídeo. Witzki (2015) apresenta um aspecto interessante em relação à postura do combatente do EI e também do carrasco do vídeo. O autor associa, por meio de uma imagem, à posição do carrasco no vídeo e a famosa posição do personagem norte-americano Tio Sam, criado no ano de 1812 na guerra anglo-americana e muito usado posteriormente para uma propaganda de marketing com a finalidade de incentivar o alistamento militar para entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial.

Figuras 1: Comparação feita por Witzki (2015) da imagem do tio Sam com um Jihadista do EI



(WITZKI, 2015. p. 12)

O autor apresenta estas duas imagens e faz uma analogia, afirmando que a posição desta imagem não é inconsciente. Witzki (2015), quando se refere ao termo “estético do medo” como um processo de estruturação midiática, abraça a significação desta imagem, pois como ele analisa a imagem do carrasco nesta posição é de imposição de medo e também de convite a todos que se sente atraídos pela ideologia do Estado Islâmico.

As análises feitas por Witzki (2015), assim como as feitas por Alves (2016) e Born Steinberger-Elias (2016), trazem uma visão interessante do papel da mídia ou dos veículos de informação em um confronto bélico e diplomático. Cada uma dessas pesquisas mostra que a informação em si não é o ponto mais importante e sim os inúmeros aspectos que englobam o processo de criação desta informação. O que Castells (2009) chama de “poder da comunicação” se adéqua aos outros autores apresentados neste capítulo. Ele afirma que a coerção e a capacidade de exercê-la, sendo ela legítima ou não, são uma fonte legítima de poder. Ou seja, se partimos do pressuposto das análises apresentadas aqui, veremos que as matérias apresentadas tanto pela mídia ocidental como pela mídia do próprio EI são sinais de que ambos buscam essa capacidade de coerção do público.

3.1 JORNALISMO DE GUERRA

Existem muitos aspectos relacionados à área de jornalismo conhecido como Jornalismo de Guerra e é interessante para esta pesquisa que se faça antes da análise em si, uma abordagem teórica dos diversos aspectos que cercam a esta vertente do jornalismo. Afinal, a cobertura da BBC sobre o EI está imersa neste contexto.

É sabido que desde sempre os relatos de guerra provaram ser de grande interesse para aqueles que nunca puderam estar pessoalmente em um *front* ou para aqueles que por algum motivo (laços familiares ou de nacionalidade) se sentem ligados a um conflito. A busca por informações do que realmente acontece em uma zona de guerra tornou-se algo muito almejado pelos jornais e jornalista desde os primórdios do surgimento do jornal. Felipe Pena (2008) afirma que, historicamente, o primeiro relato de guerra teria sido a *Ilíada*, do poeta grego Homero. Este famoso poema épico conta a história da guerra de Tróia. Para alguns historiadores, como

Pagden (2010), a história de Ilíada teria sido uma representação da longa guerra do Peloponeso entre os Gregos e os Persas pelo controle do Ocidente. O embate entre o símbolo ocidental e o símbolo Oriental eternizou histórias que chegam aos ouvidos das mais atuais gerações.

Pena (2008) cita também em seu capítulo registros de coberturas jornalísticas desde a Guerra Civil Inglesa no século XVII. Já em seu livro sobre relatos de correspondentes internacionais, Silva (2013), ao fazer uma contextualização acerca do início dos relatos de guerra, traz uma ideia interessante sobre o correspondente de guerra. O primeiro foi possivelmente James Perry, do *Morning Chronicle*, de Londres, que segundo a *Cambridge History of English and American Literatures* – era o mais famoso jornal inglês da época. Entre seus colaboradores fixos estavam Thomas Moore e David Ricardo. Perry, que trabalhava para um competidor, comprou o jornal como auxílio do duque de Norfolk em 1789 e permaneceu dois anos em Paris (1791 e 1792) para mandar despachos sobre os acontecimentos ligados à Revolução Francesa. Mas, Perry era o dono do jornal, não um contratado por ele (RABELO, 2016). A primeira cobertura jornalística profissional em um ambiente de conflito ocorreu na Guerra da Criméia (1854-1856). Este é considerado o primeiro evento com real organização de veículos de mídia ingleses, com o intuito de sanar a grande demanda que surgiu naquela época pelos leitores sedentos por informações sobre conflito. Para se conseguir o maior número de informações possíveis sobre o *front*, estes jornais ingleses contrataram oficiais do próprio exército inglês para colherem informações, que eram enviadas aos jornais por meio de mensagens telegrafadas. Assim como no período da prensa de Gutemberg, que possibilitou a impressão de folhetins com informações, a invenção do telégrafo ajudou muito na cobertura deste conflito e nos que se seguiram.

Carvalho (2013) afirma que, antes de existirem os jornalistas conhecidos como “correspondentes de guerra”, os jornais, em especial os da imprensa londrina, contratavam oficiais do exército inglês como correspondente no *front*. Mas segundo o pesquisador, esta estratégia não era muito eficaz, pois os oficiais não eram muito imparciais e seletivos no que escreviam, sendo levados pela perspectiva do autor pelo fato – afinal, antes de serem correspondentes de um jornal eles eram primeiramente soldados reportando um aspecto da guerra bastante particular das tropas inglesas em uma espécie de visão unilateral do conflito. O primeiro grande astro da correspondência de guerra foi Willian Howard Russel, que teria sido, como

apresenta Carvalho (2013), o criador das técnicas que anos após teriam se tornado a base para todo o correspondente de guerra. O pesquisador afirma que foi no conflito da Criméia que os jornais começaram a se preocupar com as divulgações dos dados, pois isso poderia pôr em risco as tropas no *front*.

Os textos do jornalismo de guerra anteriores a Russel eram escritos em um formato mais literário do que informativo. O jornalista português Elvio da Silva Carvalho (2013), ao estudar também os aspectos históricos do jornalismo de guerra afirma que anteriormente ao período de atuação de Russel, o jornalismo de guerra era escrito em formatos não muito organizados. Para Carvalho (2013), as matérias escritas antes deste período se pareciam mais com relatos de soldados contando aos leitores suas experiências pessoais em batalhas, como uma crônica de aventura narrando histórias de grandes heróis da guerra ao invés da realidade do campo de batalha. Foi após Russel, que ainda escrevia de uma maneira bem literária, que se começou a construir uma estrutura de transmissão de fatos, com menos fantasia e um pouco mais de realidade. Mas esta forma mais realista de se apresentar os fatos ocorridos nos conflitos acabou não agradando aos Governos, principalmente dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Segundo Silva (2013), esta onda realista e mais sóbria dos acontecimentos do *front* apresentada e impressa pelos jornais, estava começando a mudar a visão dos leitores em relação à importância destes conflitos. Por conta desta mudança de opinião referente ao que acontecia nos *fronts*, questionamentos ao Estado e as suas razões começam a surgir em meio ao público. Levado pela insatisfação popular no que diz respeito ao que viam do conflito, iniciou-se um período controverso conhecido como a Era de Ouro do Jornalismo. Silva (2013) afirma que foi neste período entre o fim da Guerra da Criméia e o início da Primeira Guerra Mundial (1914) que as novidades da guerra surgiram de maneira periódicas nos jornais europeus e também foi esta a época dos heróis correspondentes e o início do *yellow journalism* ou jornalismo amarelo, conhecido por seus aspectos sensacionalistas. Esta foi a época onde se teve um fortalecimento do jornalismo de guerra na imprensa europeia, auxiliado pela invenção do telégrafo que trouxe maior facilidade no recebimento e envio de informações do *front* para as redações nas metrópoles. É neste período, em especial, que se tem um aumento de correspondentes em zonas de conflitos e um número maior de publicações, mas, em contrapartida, é também o

período em que se inicia um forte esquema de censura e manipulação dos textos sobre a grande guerra.

William Russel, que é lembrado como o precursor dos correspondentes de guerra, pode ser considerado como um dos principais responsáveis pelo sucesso dos relatos de Guerra do Final do século XIX e início do século XX. Como afirma Silva (2013), os relatos de Russel se diferenciavam dos demais por sua riqueza de detalhes e pelas críticas aos malefícios que a guerra trazia aos soldados e à população civil. Para os jornalistas, esta forma de representar a guerra feita por Russel se tornou tão relevante que começou a ser seguido por diversos outros profissionais de sua época. Foi a junção do texto literário com a apresentação de fatos. Usando as histórias de soldados e criando no imaginário dos leitores uma personificação do herói de guerra, fez com que as vendas de jornais se tornassem ainda maiores em períodos como a Guerra Civil Americana e a Primeira Guerra Mundial. Esta explosão do jornalismo de guerra fez com que a imprensa americana, que nesta época já poderia ser considerada bem estruturada técnica e financeiramente, começasse a enviar, já no período de sua Guerra Civil e também no início da Primeira Guerra (1911), uma quantidade maior de correspondentes antes mesmo de seus soldados para captar informações do front (HOBSBAWM, 2007).

Assim como o telégrafo proporcionou uma evolução no tempo e na forma como as notícias eram produzidas, a primeira Grande Guerra veio com inovações para a representação da guerra. As possibilidades de se registrar o *front* através de filmagens, com o advento da câmera de filmagem e também através do uso das fotografias, substituiria o uso de ilustrações nas capas dos jornais.

As filmagens feitas pelas câmeras filmadoras agora eram exibidas em cinemas em alguns lugares da Europa. É neste período em que a presença dos jornalistas nestes locais começa a ser mais comum. A partir da Segunda Guerra, a evolução das câmeras de filmagem e a tecnologia das transmissões radiofônicas tornaram necessário um número maior de profissionais, pois as informações começam a ser esperada diariamente. Essa evolução na velocidade do tempo e na forma como a guerra começou a ser representada já na Primeira Guerra agora já não era mais apresentada apenas por textos literários, e narrativas interessantes, e sim por representações mais reais devido à capacidade das câmeras em capturar o momento. Silva (2013) diz que já era possível na Primeira Guerra ver fotografias de soldados feridos nas páginas de jornal.

A guerra que anteriormente era representada por soldados heróis e muito de acordo com imaginação de seus correspondentes, passa agora a ser representada a partir do final da Guerra Civil e do início da Primeira Guerra com um tom mais sombrio, perdendo em muito o seu aspecto romântico e heroico. A verdadeira face da guerra começa a ser mostrada aos olhos e ouvidos dos leitores e isso criou uma espécie de questionamento em alguns grupos da população em relação à necessidade dos conflitos.

O cenário para a imprensa com toda esta autonomia e velocidade na criação de informações parecia ser muito promissor no início da primeira metade do século XX. A imprensa estava se tornando cada vez mais poderosa e, segundo Hobsbawm (2007), desde a cobertura feita na Guerra da Secessão, passou a incomodar os governos. Afinal, diferentes dos conflitos anteriores, a Primeira Guerra gerou um número de mortes muito maior, em uma escala assustadora. A junção de um conflito com aspectos genocidas e a velocidade com a qual a notícias poderiam ser vistas e ouvidas, poderiam causar, como já citados acima, questionamentos dos leitores, como já havia acontecido anteriormente na Guerra Civil Americana. Segundo o historiador, já se iniciava uma onda de revoltas em diversos países, como na Rússia, Império Prussiano, na própria Inglaterra e nos Estados Unidos. Os movimentos de insatisfação em relação aos conflitos estavam aumentando.

Prensados por esta insatisfação popular, os governos, principalmente o inglês e o norte-americano, de alguma forma precisavam barrar esta ascensão do jornalismo realista de guerra na mídia e nos jornais, pois a informações agora transmitidas estavam se tornando perigosas para os planos dos governos em relação a sua necessidade de fazer guerra, já que a instabilidade das relações entre a Inglaterra e o império Prussiano estavam difíceis, e uma revolta popular não seria uma boa opção. O período que se sucedeu a Grande Guerra Mundial (1914-1945) tornou-se um momento com dificuldades de acesso dos jornais ao *front*.

Os governos ingleses, americanos e franceses começaram a criar esquemas para dificultar a chegada da imprensa aos *fronts*. Liberava-se a entrada dos correspondentes nas batalhas, mas pedia-se para vistoriar os materiais redigidos pelos jornalistas, com o intuito de especificar o que poderia ser enviados a redações e o que devia ser retirado das matérias. Os correspondentes que não aceitavam o acordo tinham permissão para seguir até os fronts, mas não contavam com a

proteção fornecida pelo exército. Este método se tornou bastante eficaz no período da Grande Guerra.

Durante a Primeira Guerra a imprensa trabalhou com um pouco de resistência em relações aos termos impostos pelos governos, mas ainda assim funcionou, sob diversos aspectos, como veículo de propaganda para legitimação da guerra. Já na Segunda Guerra (1938-1945), os veículos de mídias contavam com a inovação do rádio, mas ainda exerciam um trabalho mais propagandista na forma em que começaram a apresentar o conflito e em relação as justificativas dadas pelos governos, especialmente as mídias inglesas e norte-americanas.

Noam Chomsky (2013) traz uma abordagem deste “processo de venda” da Primeira Guerra no cenário midiático norte americano. O autor diz que em 1916, já na metade da Primeira Guerra Mundial, o recém-eleito presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson, comprometido com a guerra europeia e com um grande problema nas mãos, pois nesta época a população americana era totalmente avessa à guerra, Woodrow, precisava mandar as tropas americanas para a guerra, mas para isso necessitava do apoio da população estadunidense. Segundo Chomsky(2013), para conseguir esta aprovação, o governo americano criou uma comissão de propaganda nomeada como a Comissão Creed. Esta comissão contou com a ajuda de grandes especialistas da comunicação e nesse time seletivo de comunicadores estava John Dawei. Esta comissão, sob a liderança de Dawei, conseguiu através do uso massivo de estratégias de comunicações por intermédio de propagandas massivas no rádio, *outdoors* e notícias de jornais criar, em um período de seis meses, um sentimento de total aceitação da população americana na entrada das tropas norte americanas na guerra europeia.

Este sentimento de aceitação foi conseguido através de uma apresentação massiva de conteúdos relacionados aos horrores cometidos pelo Império Prussiano na Primeira Guerra, funcionando como um mecanismo na criação de sentimentos de insatisfação na população norte-americana em relação aos alemães. As técnicas usadas por esta comissão naquele período se tornariam base para o que conhecemos hoje como teoria de *agenda setting* e estratégia de *framing* (enquadramento). Sobre estes métodos de criação de medo usado por John Dewey, Chomsky afirma que:

Eles lançaram mão dos instrumentos mais diversos. Inventaram, por exemplo, que os humanos cometiam uma série de atrocidades, como arrancar os braços de bebês belgas, e toda sorte de fatos horripilantes que ainda podem ser encontrados em alguns livros história. (CHOMSKY, 2013. p 12).

O autor afirma que grande parte destes documentos de atrocidades inventadas, usadas por Dewey na disseminação do terror na população estadunidense, foram criados pelo Ministério de Propaganda Inglês com objetivo de “controlar a opinião da maior parte do mundo”. Este evento não foi o único no qual a imprensa atuou efetivamente para criar no imaginário de população aspectos de aceitação a um conflito.

Chomsky (2013) afirma que o êxito da comissão chamou a atenção de outros decanos da comunicação. Segundo o autor, Walter Lippmann, um grande estudante da política norte-americana e autor do livro *Opinião Pública* publicado em 1922 pela primeira vez. Como membro da comissão de publicidade do governo norte americano, contribuiu com a construção de mecanismos de convencimento. Foi a partir dos mecanismos de propaganda criados por Lippmann que surgiu o embrião de táticas conhecidas como os jornalistas embutidos, tão comuns nas Guerras do Vietnã e do Iraque. É importante para este texto que façamos uma breve imersão neste aspecto envolvendo os métodos criados por Walter Lippmann, pois muitos dos conceitos criados por ele e sua comissão no período da segunda parte da Grande Guerra seria usado novamente nas guerras do Vietnã e também na Guerra ao Terror em 2001, após o, 11 de setembro. Este é um trecho de seu livro no qual Lippmann apresenta um aspecto interessante sobre seu pensamento referente a imprensa.

Minha conclusão é que, para serem adequadas, as opiniões públicas precisam ser organizadas para a imprensa e não pela imprensa, como é o caso hoje. Esta organização eu concebo como sendo em primeira instância a função da ciência política que ganhou seu próprio lugar como formuladora, previamente à real decisão, em vez de ser apologista, crítica, ou reportando após a decisão ter sido tomada. (LIPPMANN, 2008. p.40).

Lippmann criou na sociedade o que foi chamado de “Pânico Vermelho”, um sentimento de insatisfação generalizada a ideologias oriundas de conceitos marxistas para barrar os movimentos trabalhistas que começaram a surgir nos Estados Unidos no pós Primeira Guerra por conta da revolução bolchevique. Chomsky (2013) afirma que as táticas midiáticas e publicitárias de Lippmann fizeram com que o número de pessoas sindicalizadas diminuísse de modo exponencial após a Segunda Guerra, sobre isso o autor diz mais à frente em seu texto.

Daquele momento em diante, embora o número de pessoas sindicalizadas tenha aumentado a capacidade por certo tempo durante a Segunda Guerra Mundial, depois da guerra começou a declinar, a capacidade de atuação dos sindicatos começou a declinar verticalmente. (CHOMSKY, 2013.p 24).

Pode parecer não haver uma conexão entre as estratégias de manipulação midiáticas de Lippmann com o jornalismo de guerra. Mas, segundo Chomsky(2013) Lippmann criou todo um conceito que dividia a população americana. A imprensa é vista como principal ferramenta e local de execução das estratégias do governo e dos empresários. No outro grupo encontra-se a grande massa, que só se torna necessária quando os aspectos jurídicos democráticos e de aceitação popular são necessários. Ou seja, a aceitação popular para que o país possa declarar uma guerra.

Essa teoria de Lippmann, nomeado por ele ironicamente de “Teoria progressista do pensamento liberal democrático” é usada até hoje para classificar e organizar o papel de cada ator social dentro da venda e reprodução do jornalismo de guerra norte-americano. Este conceito continua sendo usado para organizar e deflagrar os mais recentes conflitos, como os do Vietnã, Coréia, e tempos depois Iraque, Afeganistão e Síria.

Voltando ao papel do jornalismo na Segunda Guerra, a censura iniciada na Primeira Guerra pelo estado governante tornou-se mais intensa e aplicada. Segundo Silva (2006), a imprensa durante a segunda parte da Grande Guerra adotou uma posição bem mais propagandista do que noticiosa de ambos os lados, tanto no lado do Eixo quanto no lado Aliado. Esta onda de conteúdos de apoio à guerra derivou de um acordo feito pelos maiores veículos de informação da época, que não queriam perder a chance de lucrar com a alta demanda que se abria como o novo conflito mundial.

No Eixo pode-se afirmar que era compreensível a imprensa estar trabalhando como meio publicitário para o regime nazista e fascista, pois a imprensa deixou de ser livre e tornou-se parte do estado. No estado nazista, por exemplo, a imprensa ficou sobre o comando de Joseph Goebbels, que decidiu que a Alemanha não teria um correspondente de guerra. Silva (2006) ainda afirma que Goebbels decretou que todos os jornalistas, fotógrafos e cinegrafista deveriam trabalhar para a

Divisão de Propaganda do Exército que estava sob o comando do major-general Hasso Von Wendel.

Silva (2006) afirma ainda que estes profissionais da indústria da comunicação recebiam um treinamento militar e eram enviados às frentes de batalha para capturar informações e imagens. No regime nazista houve uma inversão do correspondente que era transformado em soldado com a missão de retratar guerra para alimentar um sistema de publicidade estatal e, como diz Silva (2006), a principal tarefa deste pelotão “era utilizar de suas habilidades civis para influenciar o curso da guerra por meio do controle psicológico do estado de espírito na Alemanha” (SILVA, 2006, p. 60). Logo, era responsabilidade destes profissionais alimentar a máquina de propaganda nazista. Se fosse necessário, era esperado que estes “jornalistas combatentes do estado” lutassem também no *front*.

O pesquisador continua dizendo que o avanço muito repentino das tropas alemãs pela Europa e o processo de censura francesa aos seus correspondentes dificultou bastante o trabalho dos correspondentes norte-americanos resultando em uma, *time line* de notícia, no termo usado pelo autor, que era muito truncada e sem uma fluidez constante de notícias.

O processo de censura francesa foi criado realmente para impossibilitar a liberdade de trabalho de seu jornalista. Silva (2006) trata do processo de censura francesa, no qual o regime francês criou um sistema de formulários para liberação das matérias jornalísticas. Estes formulários obrigavam o correspondente a redigir a matérias em quatro formulários diferentes e, para serem liberados e enviados aos jornais para a publicação, necessitavam do carimbo do regime francês que inspecionava o material dos jornalistas indicando o que seria ou não impresso.

Já a imprensa inglesa e a estadunidense se mostraram aliadas aos seus respectivos governos neste período e trabalharam em conjunto para vender ao mundo a legitimidade daquele conflito

A imprensa norte-americana pode ser considerada a principal responsável pela entrada dos Estados Unidos e diversos outros países americanos, inclusive o Brasil, nos conflitos da Segunda Guerra (CHOMSKY, 2013). No documentário *A Guerra que você não vê*, produzido pelo canal a cabo norte americano Itv, percebe-se uma abordagem interessante a respeito do papel da mídia norte americana no processo de venda de conflitos desde a primeira Guerra. Em trecho deste documentário é feita uma consideração importante pelo professor de relações

públicas Stuart Ewen, do *Hunter Colege*, no qual afirma que Edward Bernal, um dos mentores do Comitê dos Estados Unidos sobre Informações Públicas (Creed). Teria chegado ao presidente Woodrow Wilson em 1917 e dito que para se vender uma guerra era necessário trabalhar com as emoções das pessoas, que somente os fatos não suficientes era necessário inculcar o medo no imaginário das pessoas.

A colocação feita por Ewen ilustra bem o papel que foi exercido pela imprensa norte-americana no período em que se sucederam as duas grandes guerras. Imprimindo publicações acerca da guerra com textos que traziam de volta a escrita lúdica e heroica em relação aos soldados. Imagens e caricaturas, que personificavam os alemães e japoneses, como feras enormes dependuradas em símbolos como a Estátua da Liberdade totalmente em chamas. Os grandes jornais não se concentravam em passar a visão informativa. A imprensa norte-americana funcionou neste período como um veículo massivo de propaganda e matérias cheias de parcialidade, pois nesta aliança entre as mídias da época o jornalismo de guerra no papel estava no papel de incitador de emoções e não informante de acontecimentos.

Silva(2006) traz como exemplo, uma crítica feita por um correspondente canadense a serviço da agência de notícias *Reuters*, com o nome de Charles Linch, em relação à forma como os jornais estavam cobrindo o conflito. O jornalista afirma que:

É humilhante olhar para trás e ver o que escrevemos durante a guerra. [...] Éramos um instrumento de propaganda de nosso governo, No começo, os censores foram os responsáveis por essa situação, mas depois fomos nossos próprios censores. Éramos louvaminha. Suponho que não havia alternativa na ocasião. Era a guerra total. Mas, pelo amor de Deus, não vamos glorificar nosso papel. Aquilo não era bom jornalismo. Não era absolutamente jornalismo.(KNIGHTLEY *apud*, SILVA, 2006,p. 63).

A citação apresentada por Silva (2006) mostra que a imprensa norte-americana naquele período se deixou censurar e exerceu um trabalho mais voltado para o aspecto comercial do que propriamente informacional. O que Linch tenta expressar no trecho em que diz “suponho não havia alternativa na ocasião” é que os jornais daquele período estavam sobe um mecanismo tão forte de censura que, o que prevalecia naquele momento estava mais associado a aspectos econômicos. Os jornais escolheram o que lhe parecia mais viável, deixar de ser independente para

fazer uma cobertura totalmente propagandista para obter lucro nas publicações, ao invés da liberdade.

Esta atitude também se demonstrou nas coberturas feitas pelas mídias televisivas da segunda guerra do Golfo. Em seu artigo sobre a cobertura europeia do conflito no Iraque Carvalho(2004) cita um termo que se tornou bastante comum na cobertura desta disputa armada. Os jornalistas “embedded”. Este termo segundo ela foi usado para denominar os profissionais de jornalismo que eram convidados acompanhar as forças armadas e o exercito aos pontos de conflito e de lá fazerem sua cobertura da guerra. Ela afirma que esta possibilidade pareceu favorável a muitos jornais, que enviaram centenas de jornalistas ao Iraque para acompanhar as forças armadas norte americanas. Mas ela continua dizendo logo em seguida, que esta forma de cobertura do conflito, proporcionou a diversos países ocidentais uma visão unilateral do conflito. Neste trecho a autora explica o porquê de sua afirmação.

Estes profissionais acompanharam as colunas militares angloamericanas, aceitando um conjunto de regras de censura militar prévia em troca de acesso “directo” ao campo de batalha. As imagens que constantemente nos fizeram chegar terão marcado fortemente a percepção do conflito (CARVALHO, 2004. p.06).

Ou seja, como afirma Carvalho (2003) a mídia mais uma vez optou por aceitar os termos de censura impostos pelas instituições governamentais para cobrir o conflito com um nível maior de segurança. O que tornou a visão desta guerra muito mais unilateral. A única outra versão do conflito disponível, segundo Carvalho(2003), erados “jornalistas independentes”, que se aventuravam sem a proteção das forças armas e da rede de televisão Al-Jazira que transmitiu o que autora chamou de contra ponto ou visão muçulmana do conflito. Ou seja, quando se trata da cobertura de eventos como as guerras, a maneira como ela irá ser noticiada estará a mercê de diversos fatores, Traquina (2012) menciona estes diversos fatores quando analisa as teorias jornalísticas e relaciona aspectos parecido com os apresentados por Carvalho(2004) ao citar teorias como a Organizacional e Instrumentalista, nas quais segundo ele, o profissional de jornalismo esta sujeito a imposições ditadas pelas empresas midiática e os aparelhos do Estado. O que leva, por exemplo, a situações como as analisadas por esta monografia e as muitas outras apresentadas pelos veículos de informação nos mais diversos conflitos.

4METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho, primeiramente, foi realizada a pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (1987), a pesquisa bibliográfica consiste em se buscar informações de referencial já existente (livros e artigos), com o intuito de se criar para o seu trabalho toda uma estruturação teórica. Ou seja, para Gil (1987) este é o estágio onde se sedimenta a base estrutural tanto em aspectos teóricos e referenciais de um trabalho científico.

É através destas pesquisas que entenderemos o modo como a cultura e a religião islâmicas são representadas pelas notícias sobre o EI publicadas no site da BBC. O fato de haver a necessidade de situar a pesquisa em aspectos teóricos em relação ao jornalismo exige que façamos revisão de literatura dos trabalhos já feitos sobre este tema ou relacionados a ele.

Tal método é pertinente para se conseguir a fundamentação teórica e situar a pesquisa em aspectos históricos e religiosos, com sua associação ao grupo Estado Islâmico e a situação no Oriente Médio, espelhada com tanto realismo na Guerra da Síria. É também por meio deste método que será possível embasar os aspectos teóricos do jornalismo necessários para o processo de análise. A esse respeito, Gil (1987) diz que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL,1987,p.48).

As pesquisas bibliográficas nos dão subsídios para que possamos analisar o *corpus* desta monografia, que será um conjunto de 13 matérias, produzidas entre outubro e dezembro de 2016, pelo site da BBC News. Para investigar o que está sendo reproduzido sobre religião e cultura nestas notícias, vamos fazer uso da Análise de Conteúdo (AC).

Segundo Herscovitz (2008), a Análise de Conteúdo é um método de análise de informações, no qual podem ser coletados os mais variados gêneros de documentos. O mais usado para se trabalhar na exploração de informações e documentos são vídeos, em decupagens de documentos gravados no formato de áudio, ou artigos, notícias e documentos bibliográficos. Chizzoti (2008, p.98) afirma

que a Análise de Conteúdo tem como objetivo “[...] compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas. “.

Para Herscovitz (2008), a análise de conteúdo da mídia é um dos meios mais eficientes para se fazer inferências sobre materiais gravados ou escritos. A autora continua dizendo que este método é amplamente usado em vários âmbitos das ciências sociais empíricas e revela-se uma ótima ferramenta de pesquisa para o jornalismo. Herscovitz afirma:

Pode ser utilizado para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas.(HERSCOVITZ, 2008, p.123).

Herscovitz (2008) ainda ressalta as características qualitativas e quantitativas do método, que o torna híbrido: “[...] é um método que reúne elementos quantitativos e qualitativos- coloca-se num gueto metodológico de onde ela sai reforçada e não enfraquecida, como defendem alguns críticos. “.

Este método é antigo e bastante usado nas Ciências Sociais e Humanas. Um dos fundadores da análise de conteúdo da mídia foi Harold Lasswell, um dos também fundadores de pesquisas em comunicação nos Estados Unidos. Para Lasswell (1927;1936 *apud* HERSCOVITZ, 2008), a análise de conteúdo apresentava com precisão o que se dizia sobre um determinado tema, em um determinado ambiente, espaço e lugar.

A análise de conteúdo ajuda a mapear e categorizar os significados aparentes ou implícitos nas notícias de um jornal, por exemplo. No nosso estudo, o método ajudará a identificar nas matérias do site BBC Brasil as associações “aparentes” ou “implícitas” apresentadas pelo jornalismo dos atos terroristas do EI com aspectos da cultura e religião islamista. A partir do texto de Herscovitz (2008), verifica-se que um bom investigador é aquele que utiliza de perguntas e hipóteses para orientar a sua análise, sendo a análise de conteúdo um método que ajuda a responder essas perguntas e comprovar determinadas hipóteses.

A monografia em questão opta pelo método de análise de conteúdo de mídia para responder as questões. Buscamos investigar se realmente existe alguma

associação da cultura e religião islamista aos atos terroristas do Estado Islâmico nos textos do Portal BBC.

O método de análise de conteúdo é resultado da contribuição de diversos autores, segundo Fonseca Junior (2009). Dentre todas estas contribuições, para nossa análise, é adotada a proposta de metodologia da pesquisadora francesa Laurence Bardin (1988) apresentada por Fonseca Junior (2009):

- 1) Organização da análise:** está relacionada aos três estágios cronológicos de Bardin (1988) é a etapa onde se constrói toda a estrutura a análise.
- 2) A codificação:** consiste na transformações e organizações dos dados de análise da pesquisa (estruturação, classificação, enumeração e agregação)
- 3) A categorização:** Como o nome já ilustra, é a etapa da análise onde os dados serão divididos por categorias
- 4) A inferência:** etapa do processo de análise considerada a mais fértil por Bardin (1988), pois é onde segundo ela se faz a observação dos aspectos implícitos da mensagem.
- 5) Tratamento informático:** etapa que se aplica o uso de ferramentas para a tabulação e cruzamentos dos resultados obtidos nas demais outras etapas; é neste momento que análise toma a forma visível e onde se apresenta todo resultado final do que se analisou.

Bardin (1988) divide estas cinco etapas em três fases cronológicas:

- 1) Pré-análise:** que necessariamente engloba todo o planejamento do trabalho que será elaborado. Nesta etapa procura-se sistematizar as ideias iniciais do trabalho através de operações sucessivas de contemplação do objeto de análise e seu contexto. Será nesta fase que será apresentada toda a contextualização histórica e religiosa em relação ao Islã e ao grupo extremista EI. Será neste estágio também onde apresentaremos toda base teórica relacionadas ao jornalismo e a comunicação (histórico, conceitual e ideológico). Ou seja, é nesta fase que a base teórica de nossa análise será montada e apresentada na monografia (corresponde ao desenvolvimento dos capítulos teóricos e as leituras flutuantes do material).
- 2) Exploração do Material:** é nesta etapa da pesquisa que é feita a análise em si do conteúdo. Este estágio, segundo Bardin (1988), está estritamente associado a pré-análise que, se tiver sido bem-feita, contribuirá para uma análise mais fluida e sem

empecilhos. Aqui apresentaremos as matérias do Site BBC em relação ao Estado Islâmico, de uma forma um pouco mais aprofundada, e onde serão feitas as correlações do conteúdo com as teorias apresentadas na pré-análise. Ou seja, é nesta etapa que será feita toda categorização e a inferência do material retirado do site da BBC Brasil.

3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: é onde os resultados brutos da análise serão refinados e transformados em resultados para a validação ou a invalidação das hipóteses apresentadas. É neste estágio que tabularemos os dados obtidos das matérias analisadas nos aspectos teóricos. Será nesta etapa onde os dados analisados e inferidos, e já definidos por categorias serão quantificados e tabulados para o cruzamento e verificação por intermédio dos dados da hipótese apresentada pela monografia

4. 1 COLETA DE DADOS

Para a obtenção do *corpus* de matérias referentes ao EI do último trimestre de 2016, usou-se a ferramenta de busca disponibilizada pelo portal da BBC Brasil de suas publicações anteriores. Para que fosse possível filtrar todas as publicações e achar matérias referentes apenas a assuntos relacionados ao grupo Estado Islâmico, usou-se como palavra de busca, o termo “Estado Islâmico” e através de uma busca manual, separou-se, notícias que continham mídias (Vídeos e Áudios) e as pertencentes a datas anteriores a outubro de 2016. Ao total, foram publicadas de outubro a dezembro de 2016, 23 matérias de assuntos com ligação direta ao grupo Estado Islâmico. Deste total de 23 matérias restaram apenas 13 matérias, que contemplavam o critério de ter mais de uma correlata. Optou-se por buscar matérias jornalísticas que se encaixassem no estilo reportagem com mais de uma matéria correlata, pois se percebeu que os textos publicados pelo portal BBC Brasil utilizavam um estilo de parágrafos por frase, ou seja, cada frase do texto representava um parágrafo, o que tornaria mais difícil a divisão do texto para captura de unidades de registros e o próprio registros destas unidades em uma planilha, então se optou em dividir por correlatas e não por parágrafos.

4.2 ELABORAÇÃO DAS CATEGORIAS

A partir da discussão teórica, do problema e das leituras prévias das notícias, criaram-se duas grandes categorias a fim de identificar como esse assunto era retratado pela BBC Brasil. A partir dos pressupostos da Análise de Conteúdo, formularam-se as categorias descritas abaixo:

Religião e Cultura: Antes de descrever o significado de ambos os termos, é importante ressaltar que, quando abordamos aspectos relacionados aos povos muçulmanos da região de atuação do EI, as questões culturais e religiosas estão interligadas de uma forma bastante homogênea, como se a religião e a cultura partissem de uma mesma preposição discursiva e fossem, em alguns momentos, o mesmo discurso. Em um artigo publicado sobre cultura e religião, Santos e Sanches (2011) apresentam uma definição importante ao citar Franz Boas (2010) e suas considerações a respeito de cultura. Na citação apresentada por Santos (2011) de Franz Boas (2010) se afirma que:

Pode-se definir a cultura como a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta dos indivíduos que compõem um grupo social, coletiva e individualmente, em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, a membros do mesmo grupo e de cada indivíduo para consigo mesmo (FRANZ BOAS, 2010, p.113).

Santos (2011) leva em consideração a afirmação de Franz Boas (2010) e, a partir desta, comenta que existe uma separação característica entre a cultura e a religião. Esta distinção ocorre nos ambientes físicos e não físicos. Ou seja, se partir do pressuposto destes autores, a cultura e as relações culturais seriam o resultado de um relacionamento de indivíduos com a materialidade e com outros indivíduos. É através desta relação física e palpável se construiria as concepções culturais.

Já no caso da religião, ela seria resultado de aspectos não físicos, ocorreria com base naquilo que se conhece como fé. A fé seria o ato de acreditar em algo que não pode ser tocado ou, em muitas ocasiões, visto. Então, segundo as afirmativas destes dois autores, a religião ocorreria através do ato de crer em um discurso, em uma ideologia. Mas os autores também comentam o aspecto de junção destes dois conceitos e afirmam que existe uma necessidade de um para com o outro. Segundo eles, a religião se apoia em concepções culturais para se tornar aceita em uma determinada tribo ou grupo de indivíduos, assim como a cultura se apoia na concepção de sacro que a religião dá a alguns símbolos culturais.

A religião islâmica pode ser um exemplo bastante interessante desta linha de pensamento, pois tanto os aspectos culturais como os religiosos se apoiam mutuamente e, dentre os povos que se desenvolveram nesta cultura, os muçulmanos e os judeus que desenvolveram e se organizaram a partir de um ideal religioso. A cultura e a religião dos povos islâmicos foram construídas mutuamente, anexando aspectos regionais com a ideologia trazida por seu principal pensador o profeta Maomé.

Então, como foi mencionado acima, não se fará separação de religião e cultura em categorias diferentes, pois se assim o fizer, terá de se excluir diversos termos que são de grande importância para ambos os aspectos. Optou-se, assim, para um melhor aproveitamento na análise, por fundir estes dois conceitos em uma única categoria.

Unidades de Registro: Jihad; Muçulmano; Fé; Alcorão; Bíblia; Alá; Deus; Xaria; Tribunal Islâmico; Califado; Infiéis; Ramadã, Sultão, Yazids, Profecias, Apocalípticas, Cruzado, Leitura Radical do Islã, Curdos, Rivalidade étnica, Mesquita, Oração, Imã, Fiéis, Peshmersgas, Forças Tribais, Sunitas, Xiitas, Lei Islâmica.

Terrorismo: Segundo o dicionário (AURÉLIO, 2008, p.774), “terrorismo é o modo de coagir, combater ou ameaçar pelo o uso sistemático do terror”. A definição dada pelo dicionário apresenta o terrorismo como um meio, uma ferramenta de coação que usa o terror como principal munição para atingir o seu resultado.

Woloszyn (2005), especialista em segurança pública, apresenta uma definição um pouco mais abrangente de terrorismo, usando como base a concepção dada pela a União Europeia (UE) sobre o conceito. Ele afirma que, com base nas diretrizes da EU:

[...] terrorismo consiste em todo ato intencional, portanto doloso, que por sua natureza ou contexto, podem atingir gravemente um país ou uma organização internacional quando: o autor comete o ato com o fim de intimidar gravemente uma população, a ação cometida obriga indubitavelmente os poderes públicos ou uma organização internacional a realizar um ato ou a abster-se de fazê-lo e se desestabilizar ou destrói as estruturas políticas fundamentais, constitucionais e econômicas ou sociais de um país ou organização.(WOLOSZYN,2005,p,128).

A definição dada pelo Aurélio não especifica em que estado ou situação um ato pode ser considerado terrorismo, não deixa claro se só apenas o ato de causar danos físicos a um determinado número de vítimas é considerado um ato terrorista. Ele apresenta este termo em uma concepção abrangente que abre espaço para que se deduzam os aspectos em que se configura um ato terrorista, causando danos tangíveis ou não tangíveis. Já a definição apresentada por Woloszyn (2005) nos dá uma noção mais detalhada em relação ao processo político e internacional no qual o uso do conceito terrorismo pode se encaixar. Pois ter uma definição exata do termo torna-se difícil e delicado, Alcântara (2013) apresenta outro tipo termo que se configura na terminologia, o “Terrorismo de Estado”, enquanto Woloszyn(2005) apresenta uma visão institucional de um Estado em relação conceito, Alcântara(2013) apresenta uma visão que define o termo a partir de uma visão acadêmica, da ligando o uso do termo a intenção que o provocou. A autora levanta a relação e semelhanças do termo terrorismo ao conceito do termo “Guerra” também considerado uma terminologia difícil de definir e que o que configura um ato como terrorista ou um conflito como guerra, esta ligado uma lista de fatores criadas por Alex Schmid (2011) que a autora usa para ajudar a ilustrar sua análise.

1 - o uso demonstrativo da violência contra seres humanos; 2 - a (condicional) ameaça de (mais) violência; 3 - produção deliberada de terror ou medo a um grupo-alvo; 4 - alvo de civis, não-combatentes e inocentes; 5 - propósito de intimidação, coerção e/ou propaganda; 6 - o fato de que é um método, tática ou estratégia de travar conflitos; 7 - importância de comunicar o ato(s) de violência para um público maior; 8 - a natureza ilegal, criminosa e imoral do ato(s) de violência; 9 - o caráter predominantemente político do ato; 10 - o seu uso como uma ferramenta de guerra psicológica para mobilizar ou imobilizar setores do público (SCHMID, 2011, p. 74 apud ALCÂNTARA, 2013. p. 22).

E possível observar que esta definição detalha diversas situações tangíveis e não tangíveis onde pode se configurar um ato como terrorista e também como um ato de guerra. O que difere segunda a autora um ato de ser terrorista ou não, é o mesmo parâmetro que qualifica uma guerra legítima de um conflito ilegítimo. É ligação deste ato ao seu autor e relação que este autor tem com as intuições que regimentam todo o controle legislativo, político e midiático internacional. Ou seja, o que vai definir um ato como legítimo e ilegítimo, terrorista e não terrorista é se o autor do ato em si esta amparado por órgãos como a ONU, OTAN, ou se autor do ato for um Estado legal perante as convenções internacionais, ou seja, um país e se como

tal tem o apoio da opinião pública em relação ao ato, pois como Traquina (2004) que denomina a mídia como o “Quarto Poder” e Chomsky (2013) que atribui a mídia o poder de parte da construção da opinião comum. E o que Alcântara afirma neste trecho.

Uma das maiores divergências, entretanto, é o dilema terrorismo VS. resistência. Desde os primórdios, a ONU não foi capaz de chegar a uma definição devido alguns Estados se posicionarem a favor de certos grupos que inevitavelmente seriam considerados terroristas quando uma definição fosse votada e aprovada. Devido a isso nada é definido e se prefere ficar na relatividade do termo, afinal, nenhum Estado quer ser visto como colaborador de um grupo terrorista.(ALCÂNTARA,2013. p. 23).

Porque se entrou nesta discussão a respeito das situações em que se configuram o terrorismo? Porque nesta categoria se encaixará todos os termos relacionados e indicativos aos atos terroristas, pois se delimitarmos os termos a apenas situações de danos tangíveis, irão se perder o uso de diversos termos no material de análise que estão interligadas a uma situação de coação por intermédio do terror, feito pelo EI e descrito pelo portal da BBC Brasil.

Unidades de Registro: Extremista; Ataque; Morte; Capturado; Estuprado; Baleado; Alvejado; Integrantes do EI; Soldados; Guerra; Conflito, Extorsão, Guerra, Guerra Civil, Regime Brutal, Embosca, Franco Atiradores, Combatentes, Artilharia, Atos Terroristas, Brutalidade, Escudos Humanos, Al Qaeda, Hezbollah, Supremacias Brancas, Radicalização, Extremismo.

5. ANÁLISE DO CORPUS

Quando se analisa materiais jornalísticos que na composição de seus textos, faz uso de termos com diversas significações, a análise em si se torna mais trabalhosa e o caminho que se percorre para obter-se um resultado satisfatório também é mais longo. A análise proposta por este trabalho tinha como objetivo observar a existência de associação de conceitos terroristas a aspectos religiosos e culturais dos muçulmanos nas matérias produzidas pelo portal de notícias BBC Brasil durante o período de outubro a dezembro de 2016.

Para que se fosse possível analisar de forma quantitativa o uso destes termos, optou-se por criar duas categorias. A categoria número 1, a qual se nomeou de **Religião/Cultura**, e a categoria número 2, que foi intitulada com o termo **Terrorismo**. As definições de ambas as categorias estão apresentadas no capítulo metodológico.

A fim de formar o *corpus* da pesquisa, realizou-se uma busca com a palavra-chave “Estado Islâmico”, nome do grupo extremista com maior projeção no conflito e no site da BBC Brasil. A partir da pesquisa de matérias relacionadas ao termo de busca, chegou-se ao número de 13 textos jornalísticos. Por serem em sua grande maioria reportagens e não apenas notícias, optou-se em não dividir os textos por parágrafos e sim por matérias correlatas, e de cada matéria foram retiradas as unidades de registros que mais representavam uma das categorias - Religião/Cultura ou Terrorismo.

Após a coleta das unidades de registro do *corpus* da análise, procurou-se quantificar os dados. A partir da quantificação de todas as unidades de registro associadas a cada uma das categorias criadas, tivemos obtenção de duas informações, a soma total por categoria, e a porcentagem em cada uma das categorias ocupa na composição dos 13 textos que compõem o *corpus*.

Os números de unidades de registro colhidos dos textos totalizaram 378 unidades. Destas 378 unidades, 179 estão relacionadas a categoria 1: Religião/Cultura, ou seja, há aspectos sobre a cultura e as religiões dos povos muçulmanos, como, por exemplo, palavras como, Xária, Sunita, Xiita. Já a categoria 2: Terrorismo, obteve, por uma vantagem tímida, o maior número de unidades relacionadas ao seu contexto do terrorismo totalizando, 199 unidades. Abaixo um gráfico que ilustra bem este dado.

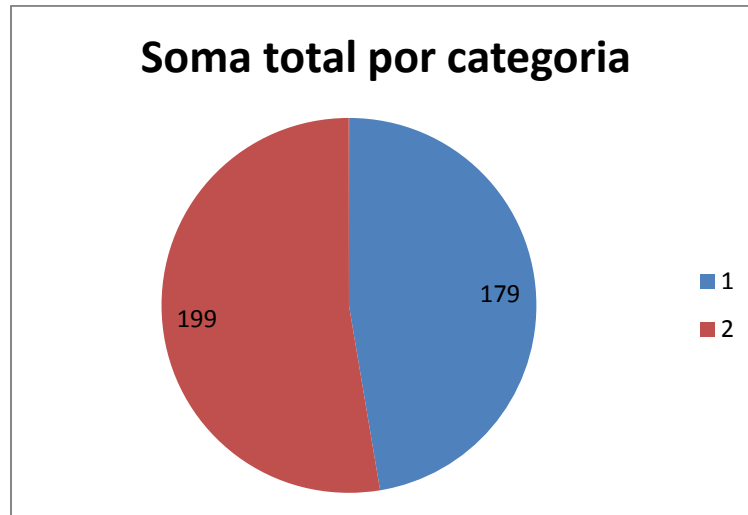


Gráfico de soma total por categoria.

(MACEDO,2017)

Esse gráfico demonstra que, nas publicações do site da BBC Brasil, aparentemente existe certo equilíbrio no uso de termos relacionados a aspectos da religião e da cultura muçulmana, e aqueles relacionados aos ataques terroristas e ao próprio grupo Estado Islâmico.

É importante ressaltar aqui, a existência de algumas unidades de registros que, por seu uso na cultura popular muçulmana e também na cultura terrorista, poderiam se encaixar em ambas as categorias, mas as classificamos em apenas uma devido ao seu contexto e à ligação dada a ela no texto analisado. Termos como, por exemplo, *Jihad*, usado ultimamente para dar nome aos conflitos estabelecido por grupos extremistas contra as forças ocidentais, tem um significado bastante amplo e que abrange a ambas as categorias dessa análise, mas optou-se a colocá-lo na categoria 1 (Religião/Cultura), pois, nos textos nos quais ele foi encontrado, seu uso estava associado à forma de guerra, mas sob uma visão mais religiosa e cultural do que em si terrorista. Por exemplo, neste trecho de uma matéria publicada em 1 de novembro de 2016, que conta a história de uma jovem chamada Nadia, da tribo yazid, que teria sido capturada e feita escrava sexual pelo EI: a jovem afirma em um ter sido vítima do que o grupo denominava ser uma “Jihad sexual”⁵. Temos um segundo exemplo de uma matéria, também publicada em novembro no dia 24, que relata a história de uma mãe que teve seu filho cooptado pelo EI. Neste trecho do

⁵ Matéria do portal BBC Brasil. Acesso em: 13/10/2017. Disponível: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37834876>

texto o termo Jihad aparece novamente, mas relacionado a um aspecto diferente. O trecho diz assim: “Àquela altura, vários soldados estrangeiros já haviam atendido o chamado para jihad”⁶. A primeira vista pensou-se em associar este termo aos aspectos relacionados à categoria 2, mas observamos que estes termo geralmente aparecia para dar ao conflito ou aos atos de violência uma associação com os aspectos culturais e ideológicos, gerando uma explicação religiosa. Ou seja, quando o termo “Jihad sexual” é mencionado no texto pela jovem yazid, nota-se que ele está relacionando um termo religioso a um ato de violência, o que possivelmente pode ser uma estratégia do EI para dar a ele uma conotação mais viável aos preceitos culturais muçulmanos. Uma forma de dar importância sacra a um ato de expurgo. Então, por conta disso, optou-se em associar a categoria 1.

Esse tipo de situação é comum em assuntos relacionados ao Oriente Médio. Estes exemplos são interessantes, pois fazem uso de um mesmo termo que, em outras situações, já foi associado a uma ação militar ou desafio religioso para sustentar um ato de barbárie sob uma concepção religiosa. Foucault (1970), em seus estudos relacionados à estruturação discursiva, apresenta uma concepção que, mesmo partindo de uma visão filosófica, pode ser interessante para essa análise. O autor afirma que um discurso pode evoluir de certo modo que o texto discursivo não precisa se associar mais a imagem de seu criador, pois acaba tornando-se auto suficiente, ou seja, o uso do termo “Jihad”, que em sua concepção original apresenta um significado religioso de desafio espiritual, evolui na concepção do grupo terrorista, e serve como base de justificação para explicar dois atos totalmente distintos.

O fato de as sociedades muçulmanas terem se erguido e evoluído juntas, baseadas em aspectos de uma religião que reúne tanto o comportamento espiritual como civil, resulta na mescla da cultura para se definir um ato de revolta e violência pode ser frequente.

Pela análise quantitativa, percebemos um equilíbrio no uso de unidades de registro associadas a cada uma das categorias. Por um lado, é possível inferir que o portal não procurou pender o sentido de seus textos a apenas um dos lados, e buscou apresentar de forma equilibrada aspectos de ambos os lados, tanto o cultural e religioso, como o do terrorismo. Claro que, assim como se encontrou dificuldade em separar alguns termos que se encaixavam em ambas as categorias e fixá-las em

⁶ Matéria do portal BBC Brasil. Acesso em: 13/10/2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38060744>

uma apenas, supõe-se que eles o tenham tido em muitas situações. E isso pode ser considerado um aspecto ruim, pois pode criar um senso de equiparação ou associação entre a cultura islâmica e o terrorismo, o que pode induzir o leitor a entender as duas questões como indissociáveis.

Mas, é importante que se façam algumas considerações relacionadas a este equilíbrio entre os aspectos religioso-culturais e os aspectos terroristas. Levando em consideração que as matérias analisadas do portal BBC abordavam um tema difícil, relacionado a um conflito armado em uma região onde conceitos culturais, religiosos e políticos se misturam em diversos discursos e situações, conseguir este resultado de quase equiparação, com apenas leve diferença entre ambas as categorias pode confirmar que existe um grau de associação entre aspectos religioso/ cultural, com o terrorismo praticado pelo grupo EI. Porém, este resultado pode ser observado a partir de Castells (2009), que apresentam uma teoria chamada “O enquadramento da mente”, teoria que estuda os mecanismos neurológicos de processamento de informação responsáveis por relacionar o conteúdo e o formato de uma mensagem com molduras, nome dado a padrões de redes neurais que são ativados quando um determinado indivíduo tem acesso a mensagens geradas no universo da comunicação, gerando o que David Snow e Benford (2000) chamaram processo de *frames* da ação coletiva, ou seja, pode não apenas acionar em um individuo este processo de enquadramento, mas em toda uma comunidade que partilha similaridades culturais e ideológicas. Segundo Castells (2009), notícias com relação a algum desastre ou evento de violência tendem a chamar mais atenção, pois costumam ativar aspectos relacionados a instinto de sobrevivência do consumidor desta informação. Isso faz com que o nível de atenção deste receptor da informação sobre o evento de violência se eleve de maneira exponencial. O autor explica de maneira interessante isto ao dizer que, nestes casos, não há necessidade do consumidor ter vivenciado ou ter proximidade com o evento ocorrido. O simples fato de estar sendo exposto a um texto ou imagem daquele evento faz com que seu cérebro estimule pontos específicos de senso cognitivo que podem influenciar suas escolhas ou associações.

Se retomarmos o exemplo das matérias exemplificadas nos parágrafos anteriores, do jovem que deu um colar de diamantes para a sua mãe e se juntou ao Estado Islâmico, vemos no texto de uma correlata, com o título de *Radicalização*, a apresentação de um termo conhecido como *dawah*. O trecho em que esta palavra

aparece é este: “Existem dois tipos de dawah, porém um deles é bem similar a pregação de grupos cristãos nas ruas. O segundo, é mais ligado a grupos extremistas politizados, que usam o discurso retórico do “nós e eles”. Neste mesmo parágrafo o termo dawah é associado a dois aspectos diferentes: um a religião, e não a sua religião originária, e outra aos grupos extremistas. Mas, se partimos da teoria apresentada por Castells (2009), o leitor já fica condicionado pelo título da correlata e forma uma pré-concepção de que os conceitos daquela religião têm alguma ligação com o processo de radicalização do jovem. Afinal, neste trecho um termo religioso dado ao trabalho do missionário de divulgar um a ideologia religiosa é associado a uma técnica de cooptação de novos extremistas.

O fato de um aspecto textual não ser apresentado de maneira exponencialmente maior que outro, possivelmente não irá impedir que um leitor faça a associação entre as categorias desta análise. Claro que esta monografia não possui dados necessários sobre a recepção destas mensagens para afirmar isso, mas deve-se levar em conta esta possibilidade.

A apresentação deste aspecto relacionado ao resultado da análise quantitativa demonstra que, se for levada em consideração apenas o aspecto numérico em relação às categorias, é possível afirmar que esta análise comprovou sim um índice de associação por parte da BBC Brasil de concepções religiosas e culturais muçulmanas aos atos terroristas praticados pelo grupo Estado Islâmico. E, usando de base a teoria apresentada por Castells (2009), pode-se considerar que, quando uma informação está ligada a eventos que vão ao encontro de relações instintivas e neurológicas humanas, a possibilidade de associação entre as duas concepções torna-se relativa a situações e ambientes em que cada indivíduo está exposto, o que dificulta a uma análise do efeito causado ao psicológico desses indivíduos.

Mas é importante também, não apresentar apenas uma visão quantitativa em relação a esta análise. McLuhan (1964) afirma em seus estudos sobre os meios de comunicação como extensão do homem, que o “meio é a mensagem”, ou seja, a maneira como um texto é enviado e estruturado define geralmente o significado da mensagem que se quer enviar. Então, partindo desse pensamento, retirando e observando trechos de textos pertencentes ao corpus das análises, por meio da análise qualitativa, notaram-se outras questões.

Entre as 13 matérias analisadas, correlatas por correlatas, 7 apresentam trechos de associação direta entre as duas categorias. E todos os sete textos se

encaixam no modelo de grandes reportagens, como mais de três correlatas compondo a reportagem. Outro dado interessante observado é que nestas sete reportagens todas apresentam aspectos que ligam a cultura islâmica à algum ato de extremismo ou repressão. São conceitos fortes para se associar a uma determinada cultura, mas, neste trecho de uma reportagem publicada em 17 de outubro de 2016, que apresenta o fato de a Suécia estar se tornando o país com maior número de jovens aderindo ao grupo e Estado Islâmico, isso fica evidente. A reportagem em si é composta por cinco correlatas ao assunto principal e em todas elas encontram-se trechos de associação entres aspectos da cultura e religião muçulmana ao terrorismo. Neste trecho em específico a associação de aspectos culturais e religiosos está atrelada a uma forma de terrorismo social, como se a onda de imigração muçulmana tivesse trazido para aquela região problemas de desordem social, como aumento da violência, desemprego, e desordem urbana.

Sociedade paralela

Devido à escassez de casas na Suécia e às longas filas para apartamentos acessíveis no centro da cidade, muitos dos recém-chegados acabam em Angered e aqui ficam. Inclusive alguns dos 160 mil refugiados que pediram asilo na Suécia no ano passado. Aqui, a taxa de desemprego é de 11%, muito acima dos 6,6% registrados entre a população geral, e mais de 65% dos jovens abandonam a escola antes dos 15 anos. Esses jovens vulneráveis são o alvo de extremistas. Angered se tornou uma área de difícil controle. A região é classificada pela polícia como "vulnerável", com altos índices de crimes, violência e uso de drogas. Na prática, funciona como uma sociedade paralela de difícil acesso para policiais. Moradores dizem que líderes religiosos tentam controlar a comunidade para fazer com que se cumpra a sharia, a lei islâmica. Há acusações de perseguição e intimidação contra pessoas, muitas vezes mulheres, pela forma como se vestem e por ir a festas, o que consideram proibidos pelo Islã.(HAKIN,2016)

O trecho apresentado acima é iniciado com o título, "Sociedade paralela" e, levando em consideração os estudos de Said(1970) a respeito do orientalismo, que afirma a existência de um movimento por parte da literatura e dos próprios veículos de informação contra a cultura oriental, podemos afirmar que a matéria correlata, já se inicia criando um sentido de distinção entre a sociedade sueca (ocidental) e a sociedade muçulmana (oriental) presente na cidade satélite Angered, criando um espécie de linha entre os habitantes suecos e os habitantes Angered. Mas não é só o título que tenta criar uma espécie de associação entre a comunidade muçulmana e um tipo de caos social. Logo no início, ao afirmar a causa do crescente aumento demográfico daquela sociedade (a chegada de 160 mil refugiados) e após o dado

estático que ilustra esse crescimento, a matéria começa a apresentar uma sequência de dados relacionados a desemprego, violência e drogas - e não existem no texto informações que distinguem esses dados do aumento da população muçulmana em razão da crise migratória. Ou seja, o aumento da violência, do desemprego, pode ou não estar ligado a este aumento populacional de imigrantes na região, mas o texto não se preocupa em explicar o motivo apenas os apresenta após dar a informação numérica de refugiados recebidos pela Suécia. Ou seja, após apresentar um dado relacionado à migração muçulmana, a matéria apresenta outro relacionada a desordem social.

Não se pode afirmar a existência de uma associação direta entre as duas informações. Mas se usarmos o conceito apresentado por McLuhan (2005), que afirma que em muitas situações a maneira como uma mensagem é estruturada e o meio no qual ela apresentada criam diferentes concepções sobre um mesmo fato, e a teoria de enquadramento apresentada por Snow e Benfort (2000) e Castells (2009), diz que os aspectos que vão contra ao sentimento de sobrevivência humana podem levar o indivíduo leitor a criar concepções sobre um determinado assunto, podemos dizer que não existe uma associação direta intermediada gramaticalmente, mas existe sim uma associação indireta de um dado a outro. E este fato é um exemplo interessante do conceito de orientalismo apresentado por Said (1970).

A associação da cultura a aspectos extremistas relacionados ao terrorismo pode ser visto nos dois últimos parágrafos desta mesma matéria: *“Moradores dizem que líderes religiosos tentam controlar a comunidade para fazer com que se cumpra a sharia, a lei islâmica”*, associando logo após a este outro trecho: *“Há acusações de perseguição e intimidação contra pessoas, muitas vezes mulheres, pela forma como se vestem e por ir a festas, o que consideram proibidos pelo Islã”*. Olhando por um plano geral, pode-se dizer que o texto está apenas apresentando a denúncia da população em relação ao pulso firme de religiosos ao cumprimento de preceitos morais religiosos, assim como os que ocorrem em outras religiões. Mas, se esta correlata for analisada como uma sequência de dados e associações, o que se apresenta é uma onda imigratória muçulmana, em uma região que registra um índice maior de desempregos e violência, com denúncias de líderes religiosos ligados a costumes muçulmanos que obrigam indivíduos de livre pensamento a seguirem preceitos impostos por uma religião à margem do conceito ocidental de se viver. Não

existem ligações visíveis, mas a maneira como este texto se estruturou permite esta interpretação.

O terrorismo, no caso deste recorte, está sendo associado à cultura e à religião, através do uso de palavras como “intimidação”, “desemprego”, “violência”, “perseguição”, que estão associadas direta ou indiretamente ao texto, por intermédio do caos social - que o texto faz crer ser culpa da comunidade muçulmana paralela vivendo em Angered.

A outra associação encontrada foi em uma matéria publicada no dia 24 de novembro de 2016 e conta história de uma mãe inglesa e de seu filho que se juntou ao Estado Islâmico. O texto é construído de modo a mostrar cada estágio do processo que levou o jovem com o nome de Rasheed a se tornar parte do grupo extremista. A matéria inicia com o relato da mãe e quem seria o jovem Rasheed. A mãe conta que o jovem era um garoto normal imperativo, praticante de esportes e que ela se considerava uma mulher muçulmana, mas sem fortes ligações à religião e costumes muçulmanos, assim como todos de sua família. Até que a reportagem mostra quando o jovem decide frequentar outra mesquita sozinha, sem a companhia de seus familiares. É a partir deste momento que as associações entre religião e cultura começam a ser feitas em relação ao terrorismo. O trecho em questão mostra a narrativa onde o jovem Rasheed inicia o que é denominado processo de “radicalização”:

“Radicalização

Mas como ele havia se tornado tão radical?

Nicola foi lembrando como Rasheed começou a mudar - de maneira sutil, mas constante, a partir de 2014. A família havia tido discussões sobre o califado e a guerra civil na Síria. Eles ouviram o jovem dizer que "algo precisava ser feito para ajudar".

Mas havia mais. Ele havia falado sobre começar a frequentar círculos de estudo sobre o Islamismo em lugares bem longe de casa. Além disso, também mencionou que gostaria de participar da chamada "dawah" na cidade - é o tipo de divulgação da religião islâmica que acontece nas ruas com homens e mulheres distribuindo leituras muçulmanas. É uma forma de trabalho missionário para converter outras pessoas ao Islã. Existem dois tipos de dawah, porém. Um deles é bem similar às pregações de grupos cristãos nas ruas. O segundo, no entanto, é mais ligado a grupos extremistas politizados, que usam o discurso retórico do "nós e eles". A família havia questionado esse desejo de Rasheed de participar desses eventos sem saber com quem ele estaria se envolvendo ou o que essas pessoas representavam e até mesmo onde elas poderiam levar seu filho. Depois de algumas discussões, ele pareceu ter aceitado o conselho.”(CASIANI, 2016)

A um termo em especial que aparece nesta correlata. Ele se chama “dawad” e é um termo que dá nome ao ato de se proclamar, as boas novas do Islamismo e também significa missão. Mas este termo aparece em duas situações totalmente contraditórias. Uma relacionada ao ato de transmitir o preceito islâmicos religioso, e, em outro momento, linhas abaixo, o mesmo termo é associado a uma manobra de cooptação extremista do Estado Islâmico. Não existe no texto nenhuma diferenciação das duas atitudes que são consideradas totalmente diferentes: a “dawad” do missionário islâmico é posta no mesmo nível da “dawad” que coopta dor de jovens. Diferente do exemplo acima que buscou associar à religião e cultura a um caos social, aqui a associação ocorre de forma aparente, ligando a imagem daquele que divulga a religião com o personagem que cooptar jovens por intermédio de uma ideologia extremista. O termo “dawad” é mencionado em duas situações, mas em ambas são associadas aos aspectos culturais e religiosos, e é uníssono com a ideologia terrorista.

Apresenta-se então, o que Castells(2009) nomeou como molduras: colocam-se no texto os aspectos religiosos em várias situações, correlacionados com extremismo, violência, radicalização. Isso cria um efeito que é apresentado por Wolf (2002) como “efeito latente”, um processo que se torna efetivo não na exposição de uma situação específica em apenas uma matéria, mas sim aos poucos, com pequenas associações em diversas matérias. Com o tempo, isso gera o que Castells (2009) nos apresenta como molduras ou *frames* (SNOW E BENFORD, 2000) ao mencionar a teoria do enquadramento, o que torna o portal BBC Brasil no que Snow e Benford (2000) chamam “incitador conceitual”, e as molduras, ou *frames* apresentados com as pequenas associações o que os dois autores apresentam como uma espécie “andaimes ideológicos”, que estrutura segundo eles Snow e Benford(2000) o cenário de associação, ou seja, o “Quadro” por completo. O mesmo acontece nesta reportagem, publicada em 1 de novembro, onde uma jovem Yazid, de uma minoria muçulmana que acredita em concepções islâmicas e cristãs, é capturada e feita escrava sexual. Esta reportagem foi citada anteriormente, mas é interessante retornar a ela, pois, de novo, um termo que tem correlação totalmente religiosa é banalizado e associado a aspectos libidinoso e cruéis. Esta relação ocorre em certo trecho do texto onde a jovem conta que questionou seu raptor sobre o motivo de fazer aquilo, como pode ser visto abaixo:

“Perguntei por que faziam aquilo conosco, por que haviam matado nossos homens, por que nos estupraram violentamente. Disseram-me que 'os yazidis são infiéis, não são um povo das Escrituras, são um espólio de guerra e merecem ser destruídos”.

Ainda que a maior parte desses militantes fossem casados, as famílias - inclusive as mulheres - pareciam aceitar o que faziam, disse Nadia.

Em uma ocasião, ela pediu autorização para fazer uma chamada telefônica porque queria escutar uma voz familiar.

Disseram que poderia ligar para seu sobrinho por um minuto, mas com uma condição: "Que primeiro eu lambesse o dedo do pé que um homem havia coberto com mel."

Muitas jovens na mesma situação se suicidaram, disse Nadia, mas essa não foi uma opção para ela.

"Acho que todos devemos aceitar o que Deus nos deu, sem importar se é pobre ou sofreu uma injustiça, todos devemos suportar."

Ela tampouco questionou sua fé. "Deus estava cada minuto em minha mente, ainda quando estava sendo estuprada."

Nadia tentou fugir pela primeira vez por uma janela, mas um guarda a capturou imediatamente e a colocou em um quarto.

Sob as regras do EI, disse Nadia, uma mulher se converte em espólio de guerra caso seja capturada tentando escapar. Colocam-na em uma cela onde foi estuprada por todos os homens do complexo.

"Fui estuprada em grupo. Chamam isso de jihad sexual."

(BBC BRASIL, 2016)

“Neste recorte estão presentes termos como, “Deus”, “fé”, “guerra”, “destruídos”. Temos estes termos como unidades de registros e contabilizados no gráfico acima. Mas, neste pequeno trecho, por exemplo, a palavra “guerra” é mencionada, mais do que os outros termos considerados como unidade de registro. E, quando é citado “Deus” no texto, a palavra não está associada à concepção de fé muçulmana, e sim a cristão. A concepção de fé muçulmana, neste caso se associa em dois períodos: nas palavras do combatente extremista, quando chama o povo da moça de “infiéis” e “espólio de guerra”, e quando a jovem menciona ter sofrido a tentar escapar, o que ela disse que o Grupo Estado Islâmico chamou de “Jihad sexual”. Neste exemplo, a semelhança está no uso de dado termo, que funcionam para a cultura e religião muçulmana como símbolo. No caso do termo “Jihad”, este aparece associado à concepção religiosa e à terrorista, sem a necessidade de expor as duas situações distintas. A aproximação do termo com a palavra sexual criou precedente para uma significação sacro-profana, dando um aspecto cruel a um termo que tem como real significado a superação da fé sobre o predomínio da carne, ou seja, esta junção torna-se, em certo ponto, paradoxal.

A pergunta apresentada no início desta monografia era se existia associação entre a cultura e religião muçulmana e o terrorismo do Estado Islâmico nas matérias sobre o EI da BBC Brasil. Após esta abordagem analítica, tanto do ponto quantitativo

como qualitativo, comprovou-se que esta associação existe de forma aparente em alguns casos e de forma menos visível em outros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Albert Einstein ao desenvolver sua teoria da relatividade geral não apenas inovou a física moderna. Ele apresentou a ideia de que nada pode ser analisado apenas por um ângulo de observação. Que um evento físico, por exemplo, uma bolinha sendo arremessada em uma proa de barco, pode ter inúmeras explicações e resultados dependendo do ângulo em que o evento foi observado.

Pode-se dizer que, este conceito de Einstein, usado aqui para exemplificar que existem varia facetas para um mesmo conceito, se aplica de forma impressionante ao jornalismo. Assim como afirma Born Steinberger-Elias (2016) um evento terrorista será visto e informado de forma única por cada corresponde de nacionalidade diferente que estiver lá reportando. Afinal, este correspondente em especial, segundo Born Steinberger-Elias, não levará em conta apenas as características factuais do evento e sim todas as suas pré-concepções sociais, culturais e ideológicas relacionadas a aquele evento. Dessa forma, assim como Einstein afirmou com sua teoria uma análise só pode ser completa quando se leva em consideração todos os ângulos possíveis a ser observados, a análise proposta por esta monografia é apenas um ângulo, dentre tantos outros. O conceito da relatividade de Einstein se encaixa também no que a nossa análise comprovou, não sentido de que a associação encontrada pela análise pode ser relativa e sim que ela ocorre em diversos ângulos estruturais dos textos observados.

O que tentamos verificar aqui, responde ao que se propõe nossa hipótese, que era perceber a existência de associação entre a religião islâmica e cultura muçulmana ao terrorismo do Estado Islâmico. Nossa análise encontrou esta associação, demonstrando que os termos ligados à religião e cultura muçulmana estão em equiparação numérica com os termos ligados aos atos e ideologias terroristas praticados pelo grupo Estado Islâmico. Comprovou-se também que esta associação ocorre no âmbito estrutural e na composição das matérias publicadas. Isso demonstra também que uma matéria publicada em um portal de notícias pode não associar de forma direta os conceitos, mas isso não irá impedir que esta associação possa ser feita por cada leitor, que levará em consideração a sua concepção cultural, social, religiosa e política, assim como os correspondentes da pesquisa de Born Steinberger-Elias (2016).

No entanto, se partimos do pressuposto que um veículo de mídia não contém a capacidade de impedir e nem controlar que isso aconteça. Isso acaba o isentando da culpa de fomentar pensamentos de ordem pré-conceitual, criando representações e estereótipos. Os meios de comunicação possuem poder de gerar e/ou disseminar ideias e percepções. Como a análise que Alcântara(2004) apresenta sobre o terrorismo que o um dos parâmetros que define um ato como terrorista ou não, é justamente a forma como os veículos de informação vão retratá-los, e que a visão de um ato assim é quase sempre diferente para quem cometeu e para aquele que acometido do ato, por isso é importante colocar em visão outros fatos que precederam e tem ligação ao evento, e isso também é papel da mídia, dar ao receptor um possível por que. Logo, é preciso ter cuidado e pensar com cautela a forma como uma matéria deve ser escrita e apresentada.

Essa pesquisa encontrou um equilíbrio quantitativo entre o uso de duas concepções na apresentação noticiosa de um conflito. E também apresentou que este equilíbrio pode se tornar paradoxal, sendo aparentemente bom de um lado, pois não demonstra favoritismo a uma linha de termos, mas também perigoso em outro, pois equiparar em textos conceitos que podem influenciar várias ações e pensamentos, se levarmos em consideração o ambiente e a situação em que o fato é informado. No caso das matérias analisadas, verifica-se um momento muito frágil de uma crise diplomática, onde há várias situações de violência provocadas por um grupo que usa a cultura e aspecto religiosos de um povo para mascarar atitudes políticas e radicais. Isso pode provocar uma onda de sentimentos pré concebidamente radical por grande parte do mundo a uma cultura e religião que não tem nada a haver com as atitudes de uma minoria. Por isso, partindo das informações que esta análise apresentou, pode--se afirmar que, quando se noticia eventos que estão relacionados a aspectos religiosos e culturais de um povo em relação a um ato de terrorismo de uma minoria pertencente àquela cultura, todo cuidado é pouco, pois a maneira que uma mensagem é disposta pode influenciar totalmente em sentido.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Priscila Drozdek. **Terrorismo**: Uma abordagem conceitual. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/nepri/files/2012/04/Terrorismo_Uma_abordagem-conceitual.pdf> Acesso em : 20/10/2017 .

ALVES, Paulo C. C. **Jornalismo e religião**: a imagem que a mídia constrói do Islamismo nos pós-atentados. Disponível em:<<https://www.academica.org/repositorio.digital.uemg.frutal/69>>. Acesso em :25/10/2016.

BBC, Brasil. **Iraquiana sequestrada pelo Estado Islâmico**: 'Fui vítima de jihad sexual'. 2016. Disponível em:> <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37834876>>. Acesso em: 23/09/2017

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70,1988.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A Desordem Mundial: Ó espectro da total dominação**. 1 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2016.

BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BORN STEINBERGER-ELIAS, Margarethe. **O conceito de cognição jornalística**: Percepção social do caso Charlie segundo correspondentes na imprensa brasileira, Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo, Vol 5, nº1 - 2016, 15 set. 2016. Disponível em: <<http://surlejournisme.com/rev/index.php/slj/article/view/245/114>>. Acesso em: 10/10/2017.

BENFORD, Robert D. **Você poderia ser o centésimo macaco**": quadros de ação coletiva e vocabulários de motivação dentro do movimento de desarmamento nuclear ". *Sociological Quarterly*, v. 34, n. 2, 1993, p. 195-216.

CARVALHO, Anabela. **O Iraque nas televisões europeias**: representações da segunda guerra do Golfo. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/1797>>. Acesso em: 10/08/2017.

CARVALHO, Elvio da Silva. **Jornalismo de Guerra O Caso da Imprensa Portuguesa**. Disponível em:<<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1599/1/Jornalismo%20de%20Guerra-O%20Caso%20da%20Imprensa%20Portuguesa.pdf>> .Acesso em :23/10/2016

CASIANI, Dominic. **'Meu filho me deu um colar de diamantes e depois se juntou ao Estado Islâmico'**. BBC, 2016. Disponível em: < <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38060744>> Acesso em: 13/10/2016.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Comunicação**. Tradução de Vera Lucia de Melo.1ªed. São Paulo: Ed Paz e Vida, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: Propaganda política e manipulação**. Tradução de Fernando Santos. 1ª ed São Paulo: Ed WMF Martins Fontes, 2013a.

_____. **Sistemas de Poder**: conversas sobre as revoltas democráticas globais e os novos desafios ao império americano-entrevista com David Barsamian, Tradução Roberta Leal Ferreira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2013b.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise do conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 24ª Ed. Tradução de Laura Fraga. São Paulo. Editora Loyola, 2014.

FOTTORINO, Eric. **Quem é o Estado Islâmico**: compreendendo o novo terrorismo. Tradução: Fernanda Scheibe. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda: **Dicionário Aurélio de língua portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**; coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. 7. Ed. Curitiba: Ed Positivo. 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Ed. Atlas, 1991.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOBSBAWM, Eric J. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HANKIN, Yalda. **Como a pacífica Suécia virou um país exportador de extremistas**. BBC Brasil, 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37676918>> . Acesso em : 23/09/2017.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Tradução e Prefácio: Jacques A. Wainberg. Editora Vozes: Petrópolis, 2008

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação**: com extensões do homem/ Tradução Décio Pignatari. 7ª Ed. São Paulo, 2005.

MARTINO. Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. 5. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

NAPOLEONI, Loreta. **A Fênix Islamista**: O Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio. Tradução de Milton Almeida. 1ª ed. São Paulo. Ed Bertrand Brasil, 2015.

PAGDEN, Antony. **Mundos em Guerra**. Tradução de Sally Tilelli. São Paulo. Ed.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2. Ed. São Paulo. Ed Contexto, 2008.

ROBSON, Francis. **O mundo Islâmico: O esplendor de uma fé**. Tradução. Fabiana Camargo. Barcelona/Espanha. Ed. Esquinox, Ltd. (Oxford).2007.

SANCHES, Mario Antonio. SANTOS, Renato Barbosa. **Cultura e Religião: Suas peculiaridades e efeitos na parentalidade**. Disponível em : <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/3jointh?dd99=pdf&dd1=7726> . Acesso: 20/10/2017

SAID, Edward. **Orientalismo- O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo. Ed. Companhia do Bolso.2003.

SILVA, Igor Marx Freire Ferreira Lima. **Enquadramentos de Guerra: A Cobertura do recente conflito do Iraque em dois jornais brasileiros**. Disponível em:<http://repositorio.unb.br/handle/10482/2550> Acesso em: 17/08/2017

SILVA, Leonardo. **A evidência de práticas orientalistas como instrumento do imperialismo no pós-11 de Setembro**. Belo Horizonte. 2013.

SNOW, David A. & BENFORD, Robert D. "**Processos de enquadramento e movimentos sociais: uma visão geral e avaliação**". *Annual Review of Sociology* , 2000, n. 26, p. 611-29.

RABELO, Pedro Paulo Borges. **Análise das reportagens na cobertura feita no Jornal Nacional nos atentados de Paris em 2015**. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/handle/235/9491>. Acesso em : 17/08/2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Volume I**. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. **Teorias do Jornalismo V. 1 - Porque As Notícias São Como São**. Editora Insular. Florianópolis-SC, 2005.

VILELA, Mauriney. **Irmãos inimigos: Judeus e Palestinos lutam por Jerusalém**. São Paulo. Ed. Éditco, 2002.

WOLF, Mario. **Teoria da Comunicação**. 7ªed. Lisboa: Editorial Presença. 2002.

WOLOSZYN, André, Luiz. **Aspectos gerais e criminais do terrorismo e a situação do Brasil**. Disponível em :http://www.amprs.com.br/public/arquivos/revista_artigo/arquivo_1273861260.pdf : Acesso em: 23/10/2017.

WITZKI, Fabio, Luiz. **A Estética do Medo: Poder e Comunicação do Estado Islâmico**. Disponível em:<<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0408-1.pdf>.> Acesso em :23/10/2016.

